

TEMPO DE DESPERTAR



RICHARD SIMONETTI

TEMPO DE DESPERTAR

2- Edição - Julho de 1996 - Do 6^o ao 8^o Milheiros

Richard Simonetti

Obra original e interessante — qualidades presentes nas obras do autor — conduz o leitor a uma proveitosa reflexão sobre o porquê da vida. Ainda estou entre os que atravessam a vida sonhando, ou já despertei? Ainda sou vencido pelos contratempos e tribulações da existência, ou já estou aprendendo a administrá-los?

A presente obra mostra, com inteligência, os caminhos da alegria e do sofrimento, do progresso e do atraso espiritual.

A importância de não se entregar à bebida de alcoólicos; a passagem para o "lado de lá" despreparado moralmente; os tropeços causados pela irritação; a negligência com os cuidados médicos para com o corpo; a "focagem" em torno do chocante e do mórbido no comportamento humano; a passagem para o Terceiro Milênio... E muitos outros temas da atualidade, discorrendo o autor sobre eles com grande conhecimento. E, como sempre, o faz em linguagem objetiva, direta, envolvente, coloquial; episódios pitorescos e citações apropriadas colaboram para que a obra seja cativante, do começo ao fim.

O homem carnal, mais ligado à vida corpórea do que à vida espiritual, tem na Terra as suas penas e os seus prazeres materiais. Sua felicidade está na satisfação fugitiva de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e afetada pelas vicissitudes da vida, permanece numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o amedronta, porque ele duvida do futuro e porque acredita deixar na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se elevou acima das necessidades artificiais criadas pelas paixões, tem, desde este mundo, prazeres desconhecidos do homem material. A moderação dos seus desejos dá ao seu Espírito calma e serenidade. Feliz com o bem que fez, não há para ele decepções e as contrariedades deslizam por sua alma sem lhe deixarem marcas dolorosas.

Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, questão n? - 941.

SONHOS

Se viver é bom, melhor é sonhar, e melhor que tudo, ó mãe, despertar.

Antônio Machado - poeta espanhol

Sonhos embalam as criaturas humanas.

Sonhos inspiram suas iniciativas.

Sonhos estimulam seus esforços.

Sonhos que se relacionam com família, profissão, saúde, conforto, bem-estar, prazer...

Sintetizam-se em perene anseio de felicidade.

Mas, quase sempre, apenas sonhos, sucedidos por frustrações e angústias.

Melhor acordar.

Elementar o primeiro passo:

Descobrir o que Deus espera de nós.

Há um tempo certo para isso.

Aquele tempo em que nos decidimos a encarar as realidades existenciais, além das ilusões.

* * * *

Nestas páginas, ofereço a você, leitor amigo, alguns temas de reflexão, em torno dos caminhos que devemos trilhar, no propósito desse *despertamento*.

Dentre eles, um básico, fundamental:

O Evangelho, em que temos a presença do Divino Arauto do despertar, como enfatiza Paulo, na Epístola aos Efésios:

“Desperta, ó tu que dormes; levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará”.

Bauru, janeiro de 1995.

DIABOLICO ELIXIR

Diz o abstêmio:

— Não sabe que beber é uma morte lenta?

Responde o bebum:

— Tudo bem... não tenho pressa.

Ambos estão equivocados.

Todos morremos lentamente.

Programados, biologicamente, para uma existência aproximada de um século, sofremos um lento, progressivo, inexorável desgaste celular, que culminará com o colapso orgânico, transferindo-nos para o Além.

Por outro lado, o vício sobrecarrega e compromete o funcionamento de órgãos vitais, o que acelera o processo.

O alcoólatra, portanto, morre mais depressa.

* * * *

Situando-se o corpo como uma máquina que nos é emprestada para a viagem terrestre, imaginemos nosso constrangimento, ao sermos informados por mentores espirituais de que arrebatamos com ela, indiferentes à sua preservação...

— Meu filho, lamento dizer que você regressou ex-temporaneamente. Está incurso no suicídio indireto!

— Não é possível! Há algum engano!... Adorava a existência humana!

— Adorava beber! Nunca se conscientizou de que estava prejudicando seu corpo, embora ele o avisasse, frequentemente, sinalizando com males variados. Eram doridos e ignorados pedidos de socorro de um servo que você estava afogando em álcool.

— E agora?

— É esperar pela reencarnação. Alguns decênios com um fígado sensível, um aparelho digestivo complicado e você esquecerá a bebida, como irrealizável paixão que se esvai com o tempo. Uma úlcera gástrica obstinada e talvez um câncer depois o ajudarão a recompor o Perispírito ferido pelo vício...

Não é fácil vencer o condicionamento.

Dentre os padecimentos que a morte reserva ao alcoólatra, um surpreendente:

Continua sequioso da “água que passarinho não bebe”, porquanto o álcool, além dos estragos no corpo físico, provoca um condicionamento no corpo espiritual que lhe impõe a mesma premência de beber.

Como satisfazer-se, se lhe falta o corpo?

Um único meio, não menos espantoso, que ele logo dominará: ligar-se ao psiquismo de um viciado “vivo”, o que lhe permitirá experimentar as sensações da bebida.

Um transe mediúnico invertido.

Ao invés de o encarnado colher as impressões do Espírito, este colhe suas sensações, ao fazer uso da bebida, satisfazendo-se.

Pessoas sensíveis a essa influência são facilmente dominadas, transformando-se em *canecos humanos*.

Bebem descontroladamente, agindo como instrumentos para a satisfação dos parceiros invisíveis.

— É um sem-vergonha! Devia curtir sua bebedeira na prisão — dizem as pessoas, referindo-se ao bebum.

— É um obsidiado. Precisa de tratamento médico e assistência espiritual — ensina a Doutrina Espírita.

Nos bares, onde o consumo de alcoólicos é expressivo, o ambiente espiritual assustaria o médium vidente.

Turbas de Espíritos viciados, a envolver os *habitués*, sustentando neles a compulsão alcoólica.

Reuniões sociais regadas a álcool são muito fre-quentadas por “penetras” desencarnados, viciados do Além.

Aproveitam o alto consumo de bebidas nesses ambientes, porquanto o álcool é reconhecido como recurso desinibidor. Algumas doses são suficientes para superar a timidez, favorecendo a comunicação, sem o que muitos convidados sentem-se marginalizados.

O que nem todos sabem é que o álcool nada faz senão anestesiar centros de controle do comportamento. E como ali estão, também, as bases físicas da reflexão e do senso de avaliação, o bebum passa a oscilar entre a expansividade e a agressividade, a comunicabilidade e o ridículo, a descontração e a inconveniência, algo como sugere antiga lenda judaica:

Conta-se que quando Noé deixou a arca, após o dilúvio, plantou uma vinha. Veio o diabo, matou um leão, um macaco e um porco. Em seguida, regou a plantinha tenra com o sangue desses três animais.

A partir daí, os que fazem uso da bebida produzida com a fermentação da uva revelam três tipos de comportamento animal:

Violentos como o leão.

Inconvenientes como o macaco.

Pachorrentos como o porco.

E fazem pior, porquanto o irracional é contido pelo instinto, enquanto o Homem não tem limites, quando transita pela irracionalidade.

* * * *

Não raro, sobrepondo-se aos viciados desencarnados, que buscam os *canecos humanos*, há obsessores

cruéis que se aproveitam das brechas psíquicas abertas pelo álcool.

Acidentes, brigas, agressões, crimes, desentendimentos, desuniões, desequilíbrios surgem, a partir da insidiosa ação de entidades das sombras que se infiltram na mente indefesa do alcoolizado, levando-o a um comportamento anti-social.

j *j» ^

O problema fundamental do viciado é a incapacidade de ajustar-se às realidades existenciais.

Alimentando uma visão distorcida, empolga-se pela busca de sensações, perseguindo uma euforia artificial, um céu efêmero sempre sucedido por um inferno de desequilíbrios.

Impermeável aos conselhos e orientações de amigos e familiares, insiste no vício, perdendo as melhores oportunidades de edificação da jornada humana. Depois, situa-se em longos estágios de sofrimento depurador na Espiritualidade, qual lavrador desavisado que colhe espinhos semeados em campo fértil.

Quantos males seriam evitados! Quantas dores não aconteceriam! Quantos problemas seriam resolvidos, se o alcoolismo das conversas vazias de fim de expediente, de fúteis reuniões sociais, de preguiçosos fins de semana, fosse substituído pela visita ao enfermo, pelo atendimento ao necessitado, pelo estudo edificante, pela participação na atividade religiosa...

Os que assim fazem não precisam de drinques, para experimentarem alguma descontração ou fugaz euforia, porquanto há neles aquela vida abundante a que se referia Jesus. Aquela força divina que vibra nas veias, quando a mente se povoa de ideais e o coração pulsa ao ritmo abençoado do serviço no campo do Bem.

PESADELO

“O Espírito assiste ao seu enterro?”

— Muito frequentemente assiste. Mas algumas vezes não percebe o que se passa, se ainda estiver perturbado.”

Questão nº 327, de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.

O homem se vê num cemitério.

Perplexo, não sabe como foi parar ali.

Está junto de reduzido grupo de pessoas que acompanham um sepultamento. Identifica amigos e, estranhamente, familiares chorosos.

Quem teria morrido?

O caixão é aberto para o último adeus.

Tenso e curioso, aproxima-se. Olha o morto e apa-vora-se.

Vê a si mesmo na urna funerária!

Um pesadelo?!

Certamente! Medonho e interminável, porquanto, concluído o sepultamento, todos partem, mas ele não consegue afastar-se, como se invisível corrente o prendesse ao cadáver...

* * * *

Episódios dessa natureza, dignos de figurar em filmes de terror, ocorrem, frequentemente, com Espíritos imantados aos despojos carnis, como borboletas que não conseguem livrar-se do casulo.

É uma experiência tão forte que, após o desligamento, o Espírito tem alucinações em que é perseguido por horripilante monstro — seu cadáver em decomposição.

Quem está familiarizado com reuniões mediúnicas certamente já deparou com entidades sofredoras que vivem esse drama.

A origem dessas situações, comparáveis às fantasias atormentadas de escritores geniais como Franz Kafka ou Edgar Allan Poe, situa-se no despreparo do indivíduo para a grande transição.

Raros cogitam do assunto.

Muitos preferem transferir a própria morte para um futuro remoto, distante... Quando convocados à inexorável transição, levam apenas bagagens de ilusões prontamente confiscadas na alfândega do Além, e retornam à Espiritualidade como viajantes desprevenidos, sem recursos e sem referências, em lamentável indigência espiritual.

* * * *

A partir desses conceitos, podemos constatar que há concepções equivocadas a respeito da morte.

Se alguém morre de enfarte fulminante, comenta-se:

— Que bela passagem! Morreu como um passarinho. Não sofreu...

No entanto, não é uma morte desejável, porquanto o Espírito é projetado abruptamente “do outro lado”, com impressões fortemente vinculadas à vida física. Se não estiver razoavelmente preparado, experimentará dificuldades de desligamento e de adaptação à realidade espiritual.

Pior ocorre com o suicida. Somando-se aos inconvenientes da morte violenta, apresentará graves lesões em seu Perispírito, que lhe imporão inenarráveis sofrimentos.

Meu irmão Roberto costumava dizer que o suicídio é um misto de covardia e de coragem.

Covardia de quem foge dos problemas.

Coragem de quem enfrenta o desconhecido.

Muito de covardia, o suicida só revela a coragem da incosequência de quem não sabe o que faz.

Se soubesse, jamais cogitaria dessa tresloucada fuga.

Por outro lado, quando alguém experimenta uma enfermidade de longo curso, definhando lentamente, como se estivesse numa câmara de torturas, comenta-se, após o desenlace:

— Que fim horrível! Como sofreu!

Paradoxalmente, é preferível assim.

O longo estágio no leito libera o doente das seduções da vida material. Geralmente, ele se volta para a religião. Aprende a orar. É beneficiado por orações de familiares e amigos. O enfraquecimento orgânico progressivo afrouxa as ligações perispirituais.

Consumada a morte, não terá nenhuma dificuldade de desligamento, como quem se submeteu a penosas disciplinas para perder “gorduras de materialidade”, que o “chumbariam” ao corpo.

* * * *

Por ignorarem as regras básicas da vida, multidões passam a existência a aniquilar o próprio corpo, agredindo-o em duas frentes:

De fora para dentro, com a intemperança física: vícios, excessos alimentares, indisciplina...

Que aconteceria com um automóvel, se injetássemos corrosivo em suas engrenagens? Se nunca fizéssemos reparos? Se misturássemos água ao combustível? Se dirigíssemos estouvadamente?

Exatamente o que fazemos, quando não guardamos os devidos cuidados em favor de nosso corpo.

E o agredimos *de dentro para fora* com a intemperança mental.

Está demonstrado que pessoas deprimidas, angustiadas, dessas que cultivam a volúpia da mágoa, provocam a falência do sistema imunológico, favorecendo a evolução de males graves que complicam e abreviam a existência.

Conversávamos com uma senhora:

— Meu marido foi cruel comigo. Deixou-me por outra mulher, sem nenhuma consideração! Sofro muito!

— Tem razão. É um rude golpe para a sensibilidade feminina... Tenha paciência. Confie em Deus. Tudo passa...

— Passa nada, meu filho! Faz dezoito anos que ele se foi, e ainda sofro. Não me conformo!...

Eta vocação para sofrer!

Loucura cutucar uma ferida, impedindo a cicatriza-ção. Puro masoquismo. Multiplicamos dores sem acrescentar méritos. Apenas registramos prejuízos maiores na contabilidade da existência.

Há, também, os impetuosos amigos da agressividade, que atormentam as pessoas de sua convivência, particularmente familiares e subalternos.

Biliosos, parecem injetar veneno nas próprias veias. São candidatos certos a distúrbios circulatórios, que podem culminar com fulminante

hemorragia na caixa craniana. “Implodem” o cérebro com seus destemperos.

* * * *

Os que se enquadram nesses tipos de comportamento estão sujeitos a marcar presença compulsória em suas exéquias.

Situam-se como o motorista imprudente, preso nas engrenagens do automóvel que destruiu.

Melhor seria que pudéssemos comparecer voluntariamente, livres, felizes e conscientes, manifestando, mais que respeito, nossa gratidão a essa incrível máquina de peças vivas que Deus nos concedeu para a jornada terrena — nosso corpo!

A RASTEIRA

Dona Gertrudes era notável médium vidente.

Enxergava o plano espiritual claramente, sem fantasias subjetivas.

Veze inúmeras, pessoas com problemas existenciais eram alertadas sobre a ação de perseguidores invisíveis. Recebiam dela valiosas orientações quanto à maneira de livrarem-se da indesejável companhia.

Eficiente auxiliar nas reuniões mediúnicas, identificava mistificadores e informava sobre os sofredores que vinham pedir auxílio...

Sua atuação decidida incomodava Espíritos mal intencionados, que, não raro, a ameaçavam.

Um deles, odioso e vingativo, sentia-se prejudicado pela interferência da médium em favor de uma família que atazanava. Por isso, passou a assediá-la, tentando causar-lhe embaraços.

Apresentava-se à vidente ameaçador, expressão sinistra. Buscava instalar o medo em seu coração, a fim de envolvê-la.

Dona Gertrudes, habituada a tais artimanhas, resistia tranquila, escudando-se na oração, confiante na proteção dos mentores espirituais.

* * * *

Frustrado, o inimigo invisível procurou um companheiro mais experiente.

— Não sei o que fazer. Essa mulher é uma rocha. Não consigo atingi-la!...

— Com os detestáveis servidores da Luz é inútil fazer sombra. Quanto mais a pressionar, maior será sua dedicação ao ideal que a norteia, mais ligada estará aos seus protetores.

— Devo desistir?

— Nunca! Apenas mude de tática.

— Uma pressão diferente?

— Nenhuma pressão. Não a assedie. Deixe-a à vontade. Limite-se a acompanhá-la, aguardando uma brecha. Ela é humana e, mais cedo ou mais tarde, baixará suas defesas, reagindo negativamente a uma situação. Então, ficará vulnerável...

* * * *

O perseguidor seguiu fielmente o conselho.

Tornou-se presença constante, acompanhando a médium em seus labores.

Vários dias se passaram.

Ele, sempre atento, esperando o deslize.

Ela, sempre firme, sustentando a serenidade.

Um dia aconteceu.

Foi de manhã, na casa da médium.

O marido acordou mal humorado e pior ficou quando soube que deveria contentar-se com leite frio, sem café! Acabara o gás e não havia botijão de reserva...

O filho relutava em levantar-se, embora os reiterados avisos da genitora, alertando-o de que estava atrasado para a escola...

A doméstica que chegava, reagiu asperamente ao ser advertida quanto a algumas peças de roupa que esquecera no varal...

Para culminar, o cão, aproveitando a distração das duas mulheres, entrou na sala de visitas, pulou sobre pequena mesa e derrubou valioso vaso de estimação, relíquia de família, fazendo-o em pedaços...

Foi demais!

Esgotaram-se as reservas de paciência da médium.

Enxotou o animal, admoestou acremente a serviçal, discutiu com o marido, gritou com o filho preguiçoso.

Conturbada pela forte irritação que a dominava, experimentou momentâneo *branco* em suas percepções;

. tropeçou e caiu espetacularmente, fraturando a perna.

Contorcendo-se em dores, viu o obsessor a sorrir, mordaz, perguntando-lhe:

— Gostou da rasteira? Custou-me, mas conseguiu!

* * *

Em qualquer setor de atividade, sempre encontraremos pessoas que não simpatizam conosco, que não se afinam com nossa maneira de ser.

O mesmo ocorre com os Espíritos que nos rodeiam.

Se indisciplinados e agressivos, podem até cultivar animosidade, empenhando-se em nos causar problemas.

Particularmente nas tarefas espirituais, quando socorreremos vítimas de obsessores desencarnados, isso tende a acontecer. É como se mexêssemos com um vespeiro.

Não há, entretanto, razão para temê-los.

Basta que cultivemos a disciplina das emoções.

Que evitemos *tropeçar* em sentimentos negativos, em especial naquele que está sempre presente nas relações humanas:

A irritação.

RECOMENDAÇÃO INDISPENSÁVEL

Conversávamos descontraidamente, quando meu amigo falou, solene:

- Tenho vontade de matar minha mulher!
- Cuidado — brinquei — é preferível o inimigo visível ao perseguidor invisível.

Ele esboçou um sorriso triste e acentuou:

- Falo sério. É uma ideia perturbadora.
- Mas há motivo?
- Nenhum. Damo-nos muito bem. É ótima companheira.

Suspirou, fez breve pausa e completou, reticente:

- Há outro detalhe... Insistente angústia inferniza minha vida. Em momentos de crise penso em matar-me, após eliminar a esposa.
- Realmente, o problema é grave. Procurou um médico?
- Sim! Venho fazendo uso de tranquilizantes receitados por um psicanalista. Não está resolvendo.
- Há um diagnóstico?
- Depressão.
- As causas?
- O médico está pesquisando. Conversamos semanalmente, nas sessões psicoterápicas.

* * * *

Ocorreu-me logo a convicção de que se tratava de um problema obsessivo. Recomendei-lhe que comparecesse ao Centro para o tratamento espiritual.

Submeteu-se ao passe magnético e à água fluida. Seu nome foi levado para sessões de desobsessão e vibrações. Recebeu

instruções quanto ao Culto do Evangelho no Lar, orações, leituras...
Todos os recursos bem conhecidos no meio espírita...

Aliviou-se, mas experimentava frequentes recaídas, sempre com a terrível tentação de assassinar a esposa e matar-se.

Situação preocupante. Embora fosse um homem esclarecido e inteligente, até quando resistiria àquela pressão?

Passaram-se semanas. Persistia o problema.

Numa de nossas conversas, sugeri que procurasse um clínico geral.

Ao vê-lo, um mês depois, estava sorridente, feliz.

— Ganhou na loteria?

— Muito melhor! Sarei!

— Deu certo com o médico?

— Acertou na mosca! Após uma bateria de exames, foi constatado que tenho um distúrbio na tireóide. Iniciado o tratamento, desapareceram, como por encanto, a depressão e as ideias sinistras. Estou ótimo.

& ^ * *

São incontáveis as pessoas que reencontram a saúde e a alegria de viver no Centro Espírita, após peregrinarem inutilmente pelos consultórios médicos.

Não obstante, a experiência adverte quanto aos inconvenientes da generalização.

Um distúrbio hormonal, uma hipertensão arterial, uma úlcera gástrica, uma lesão cardíaca, um estado depressivo podem instalar-se a partir de processos obsessivos ou destrambelho psíquico. Nem sempre, entretanto, a remoção das causas eliminará os efeitos.

Após afastarmos desordeiros que invadem, saqueiam e devastam uma propriedade, necessitaremos do concurso de operários para deixá-la em ordem.

Assim ocorre com os médicos, que se situam como valorosos auxiliares na recuperação da saúde humana, ante os estragos produzidos por influências espirituais desajustantes.

Por isso é que as enfermidades, raramente desvinculadas de fatores extrafísicos, nem sempre são resolvidas somente com a assistência espiritual. Impõe-se o concurso da Medicina, exaltada pelos Espíritos Superiores como dádiva do Céu em favor da Humanidade.

Daí, a recomendação indispensável às pessoas que procuram socorro no Centro Espírita:

“O atendimento espiritual não dispensa o tratamento médico”.

* * * *

No caso comentado sobra também para o psicanalista.

Inspirando-se em conceitos freudianos, ele ficaria vasculhando, indefinidamente, ignotas regiões do inconsciente, sem dar-se ao trabalho de verificar se o problema não estaria bem mais próximo, em prosaica disfunção de uma glândula situada no pescoço do paciente.

Acentua-se na Medicina a tendência à especialização, em que, segundo vários autores, o profissional sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

Talvez fosse conveniente o analista imitar o Centro Espírita e informar aos clientes:

“O atendimento especializado não dispensa o tratamento médico”.

POR DEUS! ESQUEÇAM!

Ensina Emmanuel, com sua proverbial sabedoria, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“O comentário em torno do mal é sempre o mal a expandir-se”.

Infelizmente, é o que mais se faz, atualmente, sob a regência dos meios de comunicação, particularmente a televisão, esta fofqueira eletrônica que revela insuperável vocação para deter-se nos ângulos mais escuros do comportamento humano.

Objetivo: conquistar audiência.

Montada sobre dispositivos mercantilistas, é mínimo o espaço nessa "máquina de fazer doidos", como dizia Sérgio Porto, para os programas de cunho educativo e muito menos os espiritualizantes.

Atendendo à preferência dos telespectadores, consagra-se o que há de chocante, mórbido e deplorável no comportamento humano.

Isso está bem caracterizado no jornalismo televisivo, particularmente no noticiário policial, que enfatiza os crimes hediondos, cometidos com requintes de crueldade.

Com isso, multidões põem-se a especular sobre as pessoas envolvidas. Amplia-se a fofocagem tão longe quanto alcançam as imagens transmitidas. Muito além do reduzido espaço em que as "comadres" outrora se aventuravam, "pichando" gente de sua rua, bairro ou cidade. Hoje, como ontem, revela-se a mesma semcerimônia da molecada que picha muros alheios.

A maledicência corre solta. Falam de pessoas que queimam e devastam uma propriedade, necessitaremos do concurso de operários para deixá-la em ordem.

Assim ocorre com os médicos, que se situam como valorosos auxiliares na recuperação da saúde humana, ante os estragos produzidos por influências espirituais desajustantes.

Por isso é que as enfermidades, raramente desvinculadas de fatores extrafísicos, nem sempre são resolvidas somente com a assistência espiritual. Impõe-se o concurso da Medicina, exaltada pelos Espíritos Superiores como dádiva do Céu em favor da Humanidade.

Daí, a recomendação indispensável às pessoas que procuram socorro no Centro Espírita:

"O atendimento espiritual não dispensa o tratamento médico".

* * * *

No caso comentado sobra também para o psicanalista.

Inspirando-se em conceitos freudianos, ele ficaria vasculhando, indefinidamente, ignotas regiões do inconsciente, sem dar-se ao trabalho de verificar se o problema não estaria bem mais próximo, em prosaica disfunção de uma glândula situada no pescoço do paciente.

Acentua-se na Medicina a tendência à especialização, em que, segundo vários autores, o profissional sabe cada vez mais sobre cada vez menos.

Talvez fosse conveniente o analista imitar o Centro Espírita e informar aos clientes:

“O atendimento especializado não dispensa o tratamento médico”.

POR DEUS! ESQUEÇAM!

Ensina Emmanuel, com sua proverbial sabedoria, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“O comentário em torno do mal é sempre o mal a expandir-se”.

Infelizmente, é o que mais se faz, atualmente, sob a regência dos meios de comunicação, particularmente a televisão, esta fofqueira eletrônica que revela insuperável vocação para deter-se nos ângulos mais escuros do comportamento humano.

Objetivo: conquistar audiência.

Montada sobre dispositivos mercantilistas, é mínimo o espaço nessa “máquina de fazer doidos”, como dizia Sérgio Porto, para os programas de cunho educativo e muito menos os espiritualizantes.

Atendendo à preferência dos telespectadores, con-sagra-se o que há de chocante, mórbido e deplorável no comportamento humano.

Isso está bem caracterizado no jornalismo televisivo, particularmente no noticiário policial, que enfatiza os crimes hediondos, cometidos com requintes de crueldade.

Corn isso, multidões põem-se a especular sobre as pessoas envolvidas. Amplia-se a fofocagem tão longe quanto alcançam as imagens transmitidas. Muito além do reduzido espaço em que as “comadres” outrora se aventuravam, “pichando” gente de sua rua, bairro ou cidade. Hoje, como ontem, revela-se a mesma semcerimônia da molecada que picha muros alheios.

A maledicência corre solta. Falam de pessoas que não conhecem na intimidade; de acontecimentos que não presenciaram; de situações, motivações e influências que escapam à percepção desses “promotores” da injustiça. Contrariando a orientação evangélica,

reprovam o comportamento alheio, sem reconhecer o muito de reprovável que há em si mesmos.

* * * *

Quando o céu escurece, carregado de nuvens, logo ribombam trovões e despencam raios destruidores.

Da mesma forma, o adensamento da atmosfera psíquica de uma cidade, a partir das fixações da população em torno da violência, favorece o aumento significativo de acidentes, tragédias, crimes, atentados.

É a lenha da inconsequência, a propagar a fogueira do mal.

* * * *

Por outro lado, as discussões em torno da criminalidade primam pela absoluta falta de religiosidade, ainda que se digam religiosos os que delas participem.

Os indivíduos que se comprometem no chamado crime hediondo são logo rebaixados a monstros, como se houvessem perdido a condição humana e a filiação divina, aberrações antinaturais.

— É melhor acabar com eles! — sugere considerável parcela da população, aplaudindo os linchamentos e a iniciativa dos matadores que atuam à margem da lei, embora, não raro, a representem.

Conta-se, num dos evangelhos apócrifos, que após a crucificação a primeira preocupação de Jesus foi descer ao Inferno (diríamos umbral), para socorrer Judas.

Podem existir dúvidas quanto à autenticidade da ocorrência, mas não quanto à possibilidade de ter ocorrido. Está bem de acordo com o pensamento de Jesus.

O criminoso precisa de ajuda. Foi vitimado pelo pior de todos os males: infringiu a Lei Divina.

Amargas reparações o esperam.

* * * *

Consideremos outro aspecto, talvez o mais importante:

A situação das pessoas que desencarnam em face da violência que sofreram.

Regressando ao Plano Espiritual na condição de vítimas, habilitam-se a amplo amparo de benfeitores espirituais carinhosos e atentos.

Mas há um sério problema: a pressão vibratória densa, deletéria, que se abate sobre elas, na medida em que as multidões põem-se a fofocar sobre sua desdita.

Isto lhes impõe indesejáveis lembranças relacionadas com as circunstâncias trágicas que determinaram sua desencarnação.

Paradoxalmente, vivem incontáveis mortes.

Se pudessem, certamente enviariam uma mensagem para ampla divulgação pelos meios de comunicação.

Breve, dramática, desesperada:

“Imploramos um pouco de paz.

Pedimos a bênção de uma oração.

Quanto ao mais, por Deus! Esqueçam!”

FORA DE FOCO

Podemos definir a neurose como a reação exagerada aos problemas existenciais.

Embora não chegue a comprometer as funções essenciais da personalidade, é sempre perturbadora, porquanto o neurótico se atormenta com insuperáveis dúvidas.

É como alguém perfeitamente consciente de que dois mais dois fazem quatro, mas questiona:

— Será que o resultado é esse mesmo?

* * *

Outra faceta do neurótico:

Perguntamos-lhe, em saudação usual:

— Como vai?

E ei-lo a explicar-nos detalhadamente, desfiando um rosário de queixas.

Detendo-se demasiadamente sobre os percalços do cotidiano, ainda que corriqueiros, estes assumem aos seus olhos um tamanho assustador. E quanto mais lhe parecem em crescimento, mais pensa neles, num círculo vicioso de inquietações inúteis e ociosas, sempre disposto a falar sobre o assunto, aflito como se estivesse prestes a afogar-se num copo d'água.

* * * *

Raros os que não assumem, eventualmente, um comportamento neurótico:

A mãe que acorda o filho para ter certeza de que está respirando...

O homem que dá duas voltas na chave, ao fechar

a porta de sua casa, e ainda experimenta abri-la várias vezes, para confirmar que está trancada...

A dona de casa que interrompe o passeio, para verificar se não deixou o ferro ligado...

O jovem que vigia atentamente a namorada, pretendendo surpreender a infidelidade em furtivos olhares...

Tais preocupações não chegam a interferir profundamente em nossa economia psíquica, embora incomodem.

O assunto começa a ficar complexo, quando nosso envolvimento se torna excessivo, precipitando-nos no comportamento neurótico, a gerar variados desajustes como:

Neurastenia

Caracteriza-se por fadiga física e mental, desânimo e nervosismo.

Decorre, não raro, de frustração.

É a mulher solitária que vê sucederem-se os anos inexoravelmente, sem que consiga realizar suas aspirações de casamento e

maternidade; o homem que desenvolve atividades profissionais que não o satisfazem; o ancião que se sente abandonado.

Histeria

Trata-se de uma espécie de somatização ou materialização de inquietações em distúrbios físicos variados, como dores lombares, prisão de ventre, dispepsia, enxaqueca...

Usa-se o termo Conversão.

O conflito íntimo converte-se em sintoma físico.

A gastrite pode surgir num adolescente em função de sua extrema preocupação com provas escolares, ou crônica cefalalgia vem perturbar alguém que se sente infeliz num relacionamento afetivo.

Hipocondria

Excessivamente preocupado com a saúde, o paciente julga-se portador de males imaginários, enxergando pneumonia em resfriado.

Teme contrair tuberculose, porque se avistou com um tuberculoso...

Sente-se com “doença ruim”, porque emagreceu alguns quilos...

Não raro, põe-se a lavar as mãos com uma compulsiva e exagerada frequência, como se fora um ritual milagroso capaz de livrá-lo de variados males.

Ansiedade

É um estado crônico de tensão gerado por temores insuperáveis.

Por exemplo: medo de morrer.

Conheço alguém que tem pavor da morte, principalmente em relação aos familiares.

Perturba-se tanto com o assunto que, ao ouvir a palavra *morte*, imediatamente contrapõe, intimamente: *vida!* É como se fosse um amuleto.

Argumentamos com ele que, pela ordem natural, seus pais deveriam morrer primeiro. Respondeu:

— Não! Eu morrerei antes! E viverei até os 80 anos!

Eu o censurava, brincando:

— Filho malvado! Quer segurar seus pais no corpo combalido, além dos 100 anos, submetendo-os aos achaques de tão avançada idade! Viver tanto é castigo...

E ele, convicto:

— Qual nada! Serão saudáveis até o fim, tenho certeza!

Como era de se esperar, seus pais desencarnaram bem antes do tempo pretendido, o que gerou perturbações e perplexidade no filho iludido.

Nos tempos atuais, a explosão demográfica, o desemprego, a inflação, a violência, os assaltos, o trânsito congestionado e outros problemas decorrentes do despreparo do Homem para as grandes concentrações urbanas, provocam uma sobrecarga de preocupações, acentuando suas tendências neuróticas.

Ressalte-se, contudo, que o comportamento neurótico é, acima de tudo, o resultado de um mau enquadramento do indivíduo às realidades existenciais.

O neurótico semelha-se ao míope.

Enxerga o mundo “fora de foco”.

Sorrimos para ele. Julga que rimos dele.

Além das realidades mais simples, que podemos enxergar devidamente com óculos de disciplina e experiência, como a mãe que tenderá a superar o impulso de acordar o filho para ver se está respirando, há situações mais complexas, que se relacionam com posição social, profissão, família...

Se observadas “fora de foco” quanto ao que representam, podem nos precipitar em avançados estados neuróticos, com lamentáveis reflexos na economia física e psíquica.

Uma mulher tem família difícil.

Filhos-problema, marido agressivo e irresponsável.

Desgastada pela convivência atribulada, ela sente-se vítima de uma armadilha do destino, que lhe roubou a oportunidade de ser feliz.

Trata-se de uma visão *desfocada*.

Família não é acidente social.

Ela tem compromissos com o marido e filhos, relacionados com existências anteriores. Sua experiência difícil é um abençoado *programa de trabalho*, que lhe compete cumprir em favor da própria redenção.

Se usar de compreensão e tolerância, cultivando amizade, terá a tranquilidade necessária para favorecer o ajustamento familiar, sem repercussões negativas *em seu psiquismo*.

Não há acaso em nossa vida.

Tudo tem uma razão de ser.

Com o conhecimento da Lei de Causa e Efeito e da Reencarnação fica mais fácil encarar nossos problemas, enfrentando-os sem “tropeços” neurotizantes e consequentes “contusões”.

Se você me permite, amigo leitor, gostaria de sugerir-lhe algumas reflexões em torno de certas atitudes ini-bidoras da neurose:

Desmistifique seus temores com o saudável hábito de rir deles. O comportamento neurótico não impede que reconheçamos o ridículo de certas atitudes.

Treine a capacidade de “focar” a realidade, considerando que as situações difíceis compõem o quadro de nossas provações. Não há porque lamentar pedras que surgem, se sabemos que fazem parte do caminho.

Combata o vício da queixa. O comentário insistente em torno de nossos males tende a exacerbá-los, além de afastar as pessoas de nossa convivência.

Quanto ao mais, lembre-se de que tudo passa nesta vida, menos a alegria e a paz, quando nos habituamos ao cultivo dos valores espirituais, confiantes na eternidade com Deus.

A GRAMÁTICA E O EVANGELHO

A língua portuguesa é uma das mais ricas, mas também uma das mais complexas, particularmente quanto ao significado das palavras e sua correta aplicação gramatical.

Tive bom exemplo ao encomendar, em dezembro de 1990, um carimbo para lançamento de meu livro “Um Jeito de Ser Feliz”.

Seu uso facilita o atendimento aos leitores, na tradicional noite de autógrafos. É só completar com o nome indicado, datar e assinar.

Pareceu-me sugestivo cunhar a seguinte frase:

“Servindo o Cristo da Paz, teremos a paz do Cristo”.

Bem própria para o final do ano, lembrando a Anunciação dos Anjos a prometer paz aos homens de boa vontade.

Paz é o clima do discípulo autêntico do Cristo.

Não a paz da inércia, sustentada pelo acomodamento; nem da cumplicidade com os vícios e as paixões humanas; muito menos da indiferença pelos valores mais nobres, que cheira à estagnação.

A verdadeira paz, paradoxalmente agitada, ativa, dinâmica, de quem se movimenta pelos caminhos da renovação, trabalhando incessantemente por um Mundo melhor.

* * * *

Surgiu uma dúvida:

O correto seria “Servindo o Cristo” ou “Servindo ao Cristo”?

Como em tudo se dá um jeito, até para ser feliz, a solução foi recorrer ao *Aurélio*, chamado injustamente de “pai dos burros”, como todo dicionário, já que é um ato de *inteligência* consultá-lo.

Nele a surpresa:

As duas regências estão corretas, mas os significados diferem.

Servir a *alguém* é prestar serviços como assalariado.

Servir *alguém* é dispor-se a ajudá-lo sem remuneração.

Fulano serve ao Centro Espírita “Amor e Caridade”

— é funcionário.

Beltrano serve o centro Espírita “Amor e Caridade”

— é voluntário.

Isto posto, qual nossa posição diante de Jesus?

Devemos servir ao Cristo ou servir o Cristo?

Podemos eleger uma terceira opção, como faz muita gente:

— No momento não estou interessado em assumir compromissos.

Se conhecemos o Evangelho, é bom lembrar algumas ponderações de Jesus:

“Esse servo, que conheceu a vontade do seu senhor, e não se preparou, nem fez o que o seu senhor queria, será castigado com muitos açoites; aquele, porém, que não a conheceu, e fez coisas que mereciam castigos, será punido com poucos açoites. Muito será exigido daquele a quem muito é dado; e daquele a quem muito é confiado, mais ainda lhe será reclamado”. (Lucas, 12:47 e 48.)

Vemos aqui que não é tão simples recusar a condição de servidor. Na dinâmica do Evangelho, *conhecimento é sinônimo de compromisso*.

Se compreendemos que Jesus é um enviado celeste,

que nos ensina a viver como filhos de Deus e nos convoca ao trabalho pela implantação do Bem na Terra e, não obstante, permanecemos indiferentes, postergando o cumprimento das Leis de Solidariedade e Fraternidade que sustentam a Criação e edificam a criatura, então, *fatalmente*, responderemos por nossa omissão.

Se ninguém pode alegar ignorância da Lei ao des-cumpri-la, pior fica quem deixa de fazê-lo, conhecendo-a.

Assim, ante o Evangelho, compete-nos tão somente definir se serviremos o ou ao Cristo.

* * * *

Geralmente fazemos nossa opção inconsciente tão logo nos dispomos a esse empenho, com a expectativa de recompensas celestes a se exprimirem na cura de um mal, na solução de um problema, na superação de uma dificuldade e, para o futuro, no direito de morar em “Nosso Lar”, a *Shangri-lá* dos Espíritas, não uma utopia, mas uma cidade real, situada na Espiritualidade, descrita pelo Espírito André Luiz em obra homônima, psi-cografada por Francisco Cândido Xavier.

Assim, servimos ao Cristo, como assalariados que esperam pela merecida remuneração.

Diz Jesus:

“Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou guardando gado, lhe dirá, ao voltar ele do campo:

— Chega-te, e assenta-te à mesa? Não lhe dirá antes:

— Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás? Porventura, agradecerá ao servo, por ter feito este o que lhe foi ordenado? — Assim, após haverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: — Somos servos inúteis; porque fizemos somente o que devíamos fazer”. (Lucas, 17:7 a 10.)

Qualquer patrão sabe que o pior funcionário é aquele *

que vê em seu trabalho mero ganha-pão. Produz pouco, porque julga não receber o que merece, quando simplesmente não faz por merecer o que recebe. Pensa sempre nos seus direitos, jamais cogitando dos deveres, mesmo elementares, como ajudar um colega sobrecarregado.

Amigo fiel da rotina, não faz um milímetro além do que foi ordenado. A grande preocupação: assinar a folha de presença, garantindo o dia de trabalho; o ideal de cada ano: as férias.

Infelizmente, nos círculos cristãos, incluindo-se as instituições espíritas, há multidões servindo na condição de assalariados do Cristo, como operários contratados para os labores do Evangelho.

Esses servidores são facilmente identificáveis.

Estabelecem padrões mínimos de participação:

— Estou à disposição para as visitas ao hospital, *uma vez por mês*\

Condicionam sua colaboração a variadas circunstâncias:

— Irei à reunião, se não chover; se não houver problemas familiares; se sair cedo do serviço; se não receber visitas; semelhorar a dor de cabeça; se...

Cumprem rigorosamente o horário:

— Atenderei as pessoas que vieram para entrevistas *até às 21 horas*. Quem sobrar fica para a próxima semana. Não posso perder o último capítulo da novela...

Desagrada-lhes o contato com pessoas humildes:

— O plantão do Albergue *é um sacrifício* quase insuportável! Gente malcheirosa! Parece desconhecer banho e desodorante!

Irritam-se com os assistidos:

— Não lhe disse para a senhora cuidar da vida?! *Estou farto* de sustentar sua indolência!

Estimam o descanso:

— No próximo mês não poderei visitar a favela. Estarei em férias na atividade profissional. Ficarei na cidade, mas *não quero compromissos*. Só "sombra e água fresca".

Abominam mudanças que implicam em acréscimo de responsabilidade:

— Não concordo com a nova orientação. *Há trinta anos* distribuo a cesta básica às mães que procuram o Centro. Por que, agora, essa de visitá-las, para saber de suas necessidades? Afinal, não são todas pobres?

Jesus é taxativo:

“Servos inúteis”.

* * * *

Melhor mesmo é servir o Cristo.

A propósito, há uma ponderação inesquecível de Jesus:

“O mandamento que vos dou é que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer”. (João, 15:12 a 15.)

Temos aqui um dos momentos mais belos e gloriosos do Evangelho, quando Jesus recusa a condição de senhor, situando-se como nosso amigo, um amigo muito especial, que deu o testemunho eloquente de sua amizade, quando se deixou imolar na cruz, para ensinar-nos que o caminho de nossa ascensão para Deus passa, necessariamente, pelo sacrifício de nossos interesses pessoais em favor do bem comum.

É pouco produtivo servir *ao* Cristo, porque isso envolve complexo jogo de interesses pessoais, sob inspi-

ração das mazelas humanas.

Melhor servir o Cristo. Aquilo que fazemos por devoção, no culto à amizade, é sempre mais fácil, mais inspirador, mais bem feito.

Inconcebível que um Albert Schweitzer, um Francisco de Assis, um Bezerra de Menezes, um Eurípedes Bar-saulfo tenham realizado sua gloriosa obra em favor da Humanidade como meros assalariados do Cristo, pretendendo conquistar as glórias da Terra e receber as recompensas do Céu.

Legítimos *amigos do Cristo*, simplesmente vivencia-vam sua recomendação, exercitando amor pelo semelhante.

Ante as tarefas do Bem, insistentemente preconizadas pela Doutrina Espírita, eis a pergunta que deveríamos fazer, diariamente, a nós mesmos:

“Estou servindo o Cristo ou apenas servindo *ao* Cristo?”

MEDICINA PROFILÁTICA

Qual o médico ideal?

Aquele que consegue a cura do paciente.

Na antiga China era diferente.

Bom médico era aquele que impedia a doença de se manifestar.

Conta-se que quando ele fracassava, era obrigado a indenizar o paciente. A doença pesava no seu bolso, não do cliente.

Essa sábia medicina, que não faturava sobre a enfermidade, usava a acupuntura, hoje bastante difundida no Ocidente, partindo do princípio de que há correntes de força magnética circulando em nosso corpo, a sustentar a estabilidade física.

O sistema pode sofrer obstruções ou deficiências, como ocorre com os vasos sanguíneos. O resultado é o enfraquecimento do órgão ligado à área afetada.

O tratamento consiste na localização desses pontos, o que os especialistas fazem pelo tato, ali aplicando agulhas muito finas.

Não se sabe exatamente como atuam. Aparentemente são agentes de indução que desobstruem os canais, chamados meridianos, restabelecendo o equilíbrio orgânico.

Esses desarranjos na circulação magnética antecedem a doença, que se situa como mero efeito. É possível, assim, ao acupuntor detectar o mal antes que apareça.

Daí, o caráter profilático da antiga medicina chinesa.

* * * *

A Doutrina Espírita confirma a existência de correntes magnéticas que presidem os fenômenos orgânicos.

Podemos interferir neles, não apenas com agulhas, mas também com outras terapias.

A homeopatia é uma delas.

Substâncias medicamentosas passam por um processo de dinamização que libera energias capazes de atuar, diretamente, nas áreas magnéticas afetadas, com resultados promissores.

Algo semelhante ocorre com o passe.

Trata-se de uma transfusão de energias que ajuda o paciente a recompor-se magneticamente, com salutares reflexos na economia orgânica.

O que não podemos esquecer, em qualquer dessas terapias, é que o magnetismo que circula em nós é sustentado pela nossa mente, num padrão vibratório determinado pela natureza de nossos pensamentos e ações, em estreita sintonia com correntes de vida mental afins.

Por isso, todos os tratamentos envolvendo a acupuntura, a homeopatia, o passe e similares, bem como a tradicional alopatia, serão sempre recursos secundários, que compõem a chamada *terapia de superfície*.

A erradicação definitiva de nossos males, com a livre circulação de energias magnéticas saudáveis, preservando a saúde, está subordinada ao nosso ajuste emocional e espiritual, ao bom uso de nossas forças criadoras.

* * * *

Dizia Jesus:

“São teus olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas”. (Mateus, 6:22 e 23.)

É tudo uma questão de visualização, a maneira como enxergamos a existência, uma espécie de dicionarização particular, que transcende a semântica, o sentido usual das palavras e das situações.

Diz *Armand Masson*:

“A vida é uma cebola que se descasca, chorando”.

Temos aqui a concepção da existência terrena como um trânsito por vale de lágrimas, a que se reportam tantos pessimistas.

Rabindranath Tagore define diferente:

“A vida é um presente que merecemos, quando o entregamos”.

Quem se doa, empenhado em servir, será sempre gratificado.

Proclama *Karl Marx*:

“A religião é o ópio do povo”.

Parecia-lhe que o objetivo das castas religiosas seria tão-somente distrair a multidão, acomodando-a às injustiças sociais.

Abraham Lincoln tinha um conceito diferente:

“Quando pratico o bem, sinto-me bem; quando pratico o mal, sinto-me mal; eis a minha religião”.

Perfeitamente conforme a advertência de Jesus:

"A cada um segundo suas obras".

E você, leitor amigo, já parou para examinar seu dicionário íntimo?

Qual o sentido dessas palavras para você, a motivar suas ações?

Estarão suas definições pessoais identificadas à moral evangélica, que exprime as realidades universais?

A ótica do Cristo é a sua ótica?

* * * *

Importante definir tais questões, porquanto a natureza das correntes magnéticas que circulam em você de-

pende disso.

Revela Jesus:

“O meu alimento é cumprir a vontade de Deus”.

Quem vive de conformidade com os desígnios divinos, no empenho inabalável de fazer o melhor, no campo do Bem e da Verdade, viverá em paz, harmonizado com o Universo.

De posse destas realidades, o médico do futuro reeditará em nível mais elevado o comportamento profilático dos chineses.

Situando-se muito mais como um sacerdote da saúde do que um beneficiário da enfermidade, esse médico ajudará os clientes a fazer o mais importante:

Cumprir a vontade de Deus.

Quando isso acontecer, em plenitude, a enfermidade será coisa do passado.

O SEGREDO DAS COLHERES

- Já pensou?! Faltam apenas seis anos!
- Vai aposentar-se?
- Refiro-me ao nosso mundo.
- Vai acabar?
- Grandes mudanças, informam as profecias. Serão marcadas por hecatombes terríveis. Haverá enchentes, maremotos, terremotos, tufões! Ocorrerão convulsões sociais, guerras, fome, desolação...
- Isso não é novidade. Acontece desde sempre...
- Desta vez será pior! Multidões vão perecer! Drásticas mudanças na vida terrestre, precedidas de muitas dores...
- Bem, se é assim, vou me preparar.
- O que pretende fazer?
- Reforçar os alicerces de minha casa.

* * * *

Há quem leve na brincadeira, mas também quem so-lenize o assunto. Assim como ocorreu na virada do Primeiro Milênio, muita gente, mesmo no meio espírita, encara o limiar do Terceiro Milênio como um período apocalíptico.

Concebe-se a separação do joio e do trigo, dos bodes e das ovelhas, segundo a expressão evangélica, marcada por espantosos e fulminantes acontecimentos, um dilúvio de dores... Depois o Reino Divino.

É bem à moda do deus antropomórfico dos textos bíblicos, que resolvia “no braço” os problemas humanos.

Não é bem assim.

O Criador jamais age com afoiteza. Semelhante comportamento é próprio da imaturidade humana.

Diz o Espírito Humberto de Campos, em “Boa-Nova”, psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“ ...Por que motivo Deus não impõe a sua verdade e o seu amor aos tiranos da Terra? Por que não fulmina com um raio o conquistador desalmado que espalha a miséria e a destruição, com as forças sinistras da guerra? A sabedoria celeste não extermina as paixões; transforma-as. Aquele que semeou o mundo de cadáveres desperta, às vezes, para Deus, apenas com uma lágrima. O Pai não impõe a reforma a seus filhos; esclarece-os no momento oportuno”.

* * * *

Há quem considere iminente a promoção de nosso Planeta, o que ocorreria na virada do milênio. Deixaria a condição de inundo de expiação e provas, onde predomina o mal, para mundo de regeneração. Consciência desperta, o Homem elegeria o serviço do Bem como caminho de sua redenção.

Consideremos, entretanto, o problema da representatividade.

Como dizer que uma cidade é a capital da cultura, se o nível cultural de seus habitantes é baixíssimo?

Poderá ser cidade das indústrias um município que possui pouquíssimos estabelecimentos industriais?

Ou cidade-sorriso, se seus habitantes são carrancudos?

Como situar a Terra em planeta de regeneração, se quase todos estagiamos em expiações e provas?

Haverá expurgos, é verdade.

Espíritos que não se ajustem à nova ordem, comprometidos com o vício ou cristalizados no mal, serão degradados para planetas primitivos.

Atentemos, todavia, a um detalhe:

Se a seleção for muito rigorosa, tendo por parâmetro a afirmativa de Jesus, em “O Sermão da Montanha”, quando proclama que os mansos herdarão a Terra, nosso Planeta ficará às moscas. Raros podem dizer que venceram inteiramente a agressividade.

Por isso, como diz Chico Xavier, numa entrevista, devemos lembrar que um milênio tem mil anos e é ao longo de vários séculos que a Humanidade conquistará os valores espirituais que possibilitarão a promoção de nosso planeta.

* * * *

Até lá, teremos a efervescência de ideias renovadoras, apresentadas e vivenciadas por missionários que já estão entre nós ou outros que ainda virão, para estimularem as criaturas humanas nos caminhos da renovação.

Neste particular, a Doutrina Espírita situa-se numa vanguarda de esclarecimento e orientação, embasada numa visão que transcende as limitações humanas. Mostra-nos, em gloriosa perspectiva, o mundo espiritual. Conscientiza-nos em plenitude das consequências do comportamento humano no Além, onde nos pedirão contas de todo mal praticado e de todo bem que deixamos de praticar.

* * * *

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, vem realizando um maravilhoso trabalho, em que mobiliza milhões de brasileiros numa campanha contra a fome, enfatizando a necessidade de cultivarmos a solidariedade.

Ele próprio confessou, numa entrevista à “Folha de São Paulo”, que os Espíritas chegaram primeiro, dedicados a socorrer a população carente.

É esse o caminho apontado pelo Espiritismo.

À medida que os homens cultivarem a Solidariedade, desaparecerão as diferenças sociais, os preconceitos, as lutas de classes, as disputas, os crimes, as explorações.

* * * *

Os que esperam pelo Reino de Deus nos albores do próximo milênio precisam considerar que essa divina instituição não se subordina a contingências temporais ou decretos celestiais.

O Reino, como ensina Jesus, é uma realização interior, uma construção íntima, uma disposição para cumprir as leis divinas, que se sintetizam no amor e se exprimem no serviço ao semelhante.

Onde as pessoas cumprem essa orientação, instala-se o Reino, alicerçado em seus corações.

* * * *

A esse propósito, vale lembrar uma lenda judaica, contada pela psicóloga Maria Helena Matarazzo no livro “Amar é Preciso”:

Foi permitido a um rabino visitar o Inferno.

Lá viu enorme caldeirão com fumegante e apetitosa sopa. Em volta, estavam sentadas muitas pessoas. Revelavam-se desesperadas. É que cada uma segurava uma colher de cabo muito grande, enorme, que lhe permitia alcançar o caldeirão, mas não a própria boca. Famintas, sofriam o horror de ver a comida sem condições para fazer uso dela.

Em seguida, o rabino foi conhecer o Céu.

Também ali havia um caldeirão convidativo com pessoas em volta e as mesmas colheres de cabo comprido. A diferença é que todas estavam saciadas e felizes.

O rabino espantou-se:

— Não compreendo. Por que aqui as pessoas se mostram tão tranquilas e no Inferno tão aflitas, se tudo é igual?

Alguém lhe respondeu:

— Não percebe? É que aqui elas descobriram o segredo para o uso das colheres. Dão comida umas às outras.

O AVISO

Foi um estranho sonho.

Viu-se diante de luminoso ser que lhe entregou uma criança.

— É seu compromisso, minha filha. Prepare-se. Terá muito trabalho com ele. Exigirá irrestrita dedicação.

Acordou sob forte impressão, convicta de que recebera um aviso do Além.

Mas, outro filho?

Já experimentara as emoções da maternidade. Não cogitava de nova gravidez em futuro próximo.

No entanto, sentia ligeiro enjôo. Certamente, reflexo do sonho. Improvável sintoma de gravidez. Vinha usando pílulas anticoncepcionais regularmente.

Não obstante, o mal-estar persistiu por vários dias. Foi ao médico. O teste revelou resultado positivo. Estava grávida.

Foi uma gestação plena de especulações relacionadas com o sonho. Certamente receberia um Espírito hi-perativo que a deixaria “neura”. Bebê chorão, pirralho dado a traquinagens mil; adolescente contestador e rebelde...

Contrariando suas expectativas, recebeu um menino tranquilo que lhe foi entregue pelo pediatra encarregado de assistir o recém-nascido, com a informação de que estava tudo bem.

Quando o filho estava com quatro meses, levou-o a exame de rotina em outro especialista. Este, após cuidadoso exame, perguntou:

— Notou que seu filho tem problemas?

Perplexa, ouviu-o anunciar:

— Não reage aos estímulos. Há sintomas de paralisia cerebral. Algum caso na família?

— Meu Deus! O senhor tem certeza? Não é possível! Não há nenhum antecedente, nem comigo nem com meu marido!...

— Seu tipo de sangue é Rh negativo?

— Sim.

— Quando nasceu o primeiro filho, a senhora recebeu aplicações de *imunoglobulinas anti-Rh* negativo?

— Bem, o obstetra falou algo a respeito, mas ficou nisso. Creio que esqueceu...

— O pediatra providenciou a substituição do sangue da criança, logo após o nascimento?

— Nada foi feito...

— Sinto muito. Suponho que o menino teve *eritro-blastose* fetal, um mal gerado por incompatibilidade entre o sangue da mãe e do filho. Sofrerá sérias dificuldades motoras. Problemas para falar, andar, escrever... Poderá afetar também o desenvolvimento mental.

O tempo confirmou o sombrio prognóstico, exceção às faculdades intelectivas do menino, que apresentaria invulgar inteligência.

* * * *

Estariamos diante de mais uma tragédia motivada por erro médico, não fora um detalhe significativo:

O sonho.

O benfeitor espiritual, que procurou a mãe durante as horas de sono, período em que ocorre o que Allan Kardec define como “Emancipação da Alma”, deixou bem claro que o filho exigiria grandes cuidados, bem diferentes e bem mais extensos do que ela poderia imaginar.

Foi como se a preparasse para evitar perturbadores questionamentos e uma possível rejeição, reações frequentes em casos dessa natureza.

Que houvesse, apenas, o fundamental: aceitação e a disposição de entregar-se à tarefa que lhe era confiada.

Fica a indagação:

Se o Espírito deveria reencarnar com graves limitações físicas, por que isso não ocorreu naturalmente, sem comprometimento médico?

Talvez encontremos a resposta considerando que os problemas físicos decorrem de desequilíbrios espirituais gerados por vícios, crimes e desatinos em vidas anteriores.

O alcoólatra, por exemplo, desajusta os centros espirituais em áreas correspondentes aos prejuízos causados ao corpo e tenderá a ressurgir na carne com graves disfunções no aparelho digestivo.

O suicida, dependendo do tipo de morte escolhido, renascerá com determinadas deficiências. Se deu um tiro no peito, terá problemas congênitos, envolvendo coração e pulmões. Se incendiou o próprio corpo, sofrerá graves dermatoses...

Os desajustes relacionam-se também com o mal praticado contra alguém:

O maledicente terá dificuldades com a voz.

O violento poderá ressurgir paralítico.

Se o reencarnante não tem esse tipo de comprometimento e, não obstante, escolhe uma provação difícil, em que experimentará limitações físicas, estas demandarão a confluência de circunstâncias adversas.

Teríamos aí a *justificativa* para os erros cometidos pelos dois médicos? Seria *providencial* sua omissão?

Evidentemente, não!

Seria o mesmo que situar um assassino como colaborador de Deus, a impor resgate de débitos *cármicos* à sua vítima.

A Justiça Divina harmoniza os acontecimentos gerados pelos desatinos humanos, atendendo às provações necessárias a indivíduos e coletividades, mas os responsáveis fatalmente responderão por suas iniciativas, habilitando-se a sofrimentos reparadores.

O grau de comprometimento dos dois médicos depende das circunstâncias em que cometeram seus enganos.

Estavam exaustos em virtude do acúmulo de serviço? Enfrentavam problemas particulares, que lhes distraíram a atenção? Houve um inusitado lapso de memória?

Por outro lado, não configuraria mera negligência, numa rotina de profissionais relapsos e desleixados?

Isso a Deus compete julgar.

De qualquer forma, eles terão no episódio uma experiência dramática e inesquecível que os induzirá a observar com crescente responsabilidade e diligente disciplina os compromissos que assumiram, quando escolheram a profissão de guardiães da saúde humana.

LEIA KARDEC

Qualquer pessoa medianamente informada sobre Espiritismo sabe que são fundamentais a leitura e o estudo das cinco obras básicas de Kardec:

“O Livro dos Espíritos”, um resumo da filosofia espírita, uma gloriosa visão existencial que responde às indagações fundamentais: quem somos, de onde viemos, para onde vamos;

“O Livro dos Médiuns”, a base científica da Doutrina, com indispensáveis orientações sobre o intercâmbio com o Além;

“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que destaca as consequências religiosas do conhecimento doutrinário, com preciosas interpretações dos ensinamentos de Jesus, à luz das informações emanadas da Espiritualidade;

“O Céu e o Inferno”, o código penal da vida futura, a revelação do que nos espera na Pátria Espiritual, de conformidade com nossas ações na experiência terrestre;

“A Gênese”, uma cosmologia espírita acrescida de judiciosas ponderações sobre milagres e predições.

* * *

Muitas campanhas têm sido efetuadas, estimulando a leitura desse Pentateuco espírita e das obras que lhes são complementares.

“Ser ou não ser, eis a questão” — diz Hamlet, na célebre tragédia de Shakespeare, a divagar se deve o homem aceitar passivamente as injunções do destino ou lutar contra elas.

“Ler ou não ser” é uma frase genial de autor que desconheço, calcada sobre a dúvida *shakespeariana*, a sugerir que sem a leitura é como se não existíssemos, no sentido de discernir sobre a existência humana ou dela participar em plenitude.

Nada melhor que o livro espírita, nesse propósito de “1er para ser”.

Dentre inúmeras, uma campanha muito simpática, difundida amplamente: um decalque plástico para ser fixado nos vidros dos automóveis, com a frase:

“Leia Kardec”.

Serve até como elemento de identificação.

— É carro de Espírita — logo pensamos, quando ali vemos a recomendação famosa.

Contou-me um confrade que em sua cidade, durante uma campanha eleitoral para prefeito e vereadores, vendo o decalque em seu carro, aproximou-se um desconhecido:

— O senhor pode dar-me uma informação?

— Fale, amigo.

— De que partido é essa “Léia Kardec”?

* * * *

Como se vê, para que a mensagem atinja seu objetivo, é preciso um mínimo de entendimento de quem a recebe e um máximo de empenho de quem a transmite, tornando-a clara e objetiva, sem margem a equívocos.

É fácil escrever difícil.

Difícil é escrever fácil.

Todos temos ideias e experiências a transmitir. Com alguma prática, podemos transpô-las para o papel sem grandes dificuldades.

O problema é torná-las inteligíveis, com aquele toque mágico que prenda o leitor até a última palavra. Isso exige esforço a espremer os miolos, reescrevendo indefinidamente o texto, até torná-lo

perfeitamente inte-

ligível e, sobretudo, atraente.

Por uma dessas incríveis contradições que caracterizam o comportamento humano, quanto mais culto, mais erudito o escritor, mais nebulosa e complicada a sua mensagem; quanto maior sua desenvoltura para escrever, menos compromissado com a clareza e a objetividade, pouco disposto a abandonar o *Olimpo* e descer ao entendimento de pobres mortais. Escreve difícil com muita facilidade.

Isso ocorre frequentemente com os filósofos que, situando-se entre os expoentes da cultura, usam linguagem arrevesada, em elucubrações inacessíveis ao homem comum.

Suas produções situam-se por clássicos da literatura, que acumulam poeira nas estantes.

Fazem o deleite dos críticos, mas são ignoradas pela multidão.

* * * *

Rendo homenagem a Kardec, um filósofo que escreveu tão fácil, tão acessível ao entendimento humano, que seu nome jamais foi incluído nos compêndios de Filosofia.

Melhor para nós, que podemos apreciar suas ideias sem necessidade de frequentar as academias...

Necessário tão-somente é um pouco de amor ao estudo, para que lhe assimilamos plenamente a grandiosa mensagem, evitando equívocos do tipo “Léia Kardec”.

ENTRE O GUIA E KARDEC

Era um Centro Espírita com boa frequência...

Reuniões mediúnicas públicas.

Reduzido espaço para comentários evangélicos.

Quase todo o tempo dedicado às manifestações do mentor espiritual, a exercitar múltiplas funções: orientador, comentarista, médico, professor, conselheiro...

Intervenções precárias, diga-se de passagem, por deficiência do comunicante, nunca assumida, ou de filtragem mediúnica, sempre destacada.

Mas o resultado final parecia razoável. Pelo menos, o povo gostava. Disputava-se a oportunidade de uma consulta.

Nilson, jovem inteligente, amigo fiel dos livros, ressentia-se da ausência de estudos na instituição. E comentava com o presidente:

— Não será oportuno instituir uma reunião, em que possamos trocar ideias em torno dos princípios espíritas, colhendo subsídios nas obras de Kardec?

— Negativo, meu jovem! Temos o nosso mentor. Por que buscarmos instrução nos livros, se as recebemos ao vivo? Valorizemos essa dádiva do Céu...

Não obstante a resistência do presidente, outros frequentadores pensavam da mesma forma que o Nilson. O grupo de interessados cresceu, e a direção da Casa acabou cedendo.

Iniciou-se uma reunião doutrinária.

Nilson foi encarregado de desenvolver comentários semanais em torno de “O Livro dos Médiuns”.

Organizado e dedicado, soube atrair o pessoal, enriquecendo suas palestras com recursos audiovisuais e farto material colhido em várias obras doutrinárias.

O próprio presidente, que se dispusera a participar sem outra motivação que a de fiscalizar, reconheceu que as reuniões eram produtivas e atraentes.

O problema surgiu quando começaram os estudos do Capítulo III, “Do Método”, em que Kardec se reporta aos cuidados que se devem dispensar aos neófitos em me-diunidade, a fim de que não tenham uma visão equivocada dos fenômenos e não venham a prejudicar o intercâmbio com o Além.

Acompanhou sisudo, com indisfarçável desagrado, a leitura das observações de Kardec sobre os “espíritas exaltados”, que se envolvem com o fenômeno mediúni-co, descuidando-se do estudo. Mal se conteve, quando Nilson leu:

“A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade, a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade”.

A leitura prosseguiu, marcada por comentários valiosos de Nilson, destacando-se a necessidade de instruir as pessoas que procuram os Centros Espíritas, antes de encaminhá-las às reuniões mediúnicas, e terminando com a incisiva observação final do Codificador:

“Tais os motivos que nos forçam a não admitir, em

nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias para compreender o que ali se faz, persuadido de que os que lá fossem, carentes dessas noções, perderiam o seu tempo ou nos fariam perder o nosso”.

Nilson enfatizou, inspirando-se no texto, que uma reunião mediúnica é um ser coletivo, cuja vitalidade e eficiência dependem da sustentação vibracional oferecida pelos participantes, o que exige razoável conhecimento do fenômeno mediúnico.

Não havia o que discutir. O próprio grupo concluiu, acertadamente, que as reuniões mediúnicas não devem ser públicas.

Após o encerramento, o presidente chamou Nilson em particular:

— Decidi que esses estudos ficam suspensos, a partir de hoje.

— Não entendo... Por que essa medida, se tudo corre bem? O senhor tem notado o interesse do pessoal... Estamos todos aprendendo bastante...

— Sim, mas não será possível continuar, porquanto em “O Livro dos Médiuns” há uma orientação diferente daquela que recebemos de nosso guia.

E categórico:

— Entre os dois, não tenho dúvida: fico com nosso guia!

* * * *

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, exorta o Espírito de Verdade:

“Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo”.

Sábia recomendação!

Impossível desenvolver uma atividade espírita produtiva e eficiente sem o exercício desses dois ensinamentos:

O Amor, que sustenta fidelidade ao entendimento. A instrução, que sustenta fidelidade aos princípios. Sem eles estaremos fazendo um serviço “à moda da casa”, em Centros de mera atividade mediúnica, sem nenhuma vinculação com a Doutrina Espírita.

A CAIXA DE PANDORA

Qualquer aprendiz do Espiritismo sabe que a Doutrina das vidas sucessivas, a Reencarnação, equaciona todos os problemas humanos.

Espíritos em múltiplos estágios evolutivos, enfrentamos na Terra experiências *cármicas* relacionadas com o que fizemos no passado, corrigindo impulsos desajustados em favorde nossa realização como filhos de Deus.

O conceito evangélico, *a cada segundo as suas obras*, encontra na multiplicidade das existências seu complemento essencial. Colhemos hoje o que semeamos ontem, enfrentando experiências que nos depuram e amadurecem.

* ^ **

Essa concepção está tão entranhada na convicção espírita, que falar de Reencarnação em nosso meio é *chover no molhado*. Segundo nosso querido amigo Her-nani Guimarães Andrade, é o mesmo que *vender geladeiras no Pólo Norte*.

Não obstante, há aspectos importantes, pouco explorados, que merecem nossa atenção.

Um exemplo:

Haverá a possibilidade de acelerar nossa evolução?

Já pensou nisso, amigo leitor?

Podemos *queimar etapas*, caminhando mais rápido rumo à perfeição, a meta suprema? Ou nosso progresso depende do fator tempo, em lenta maturação? Algo assim como a árvore, subordinada às características de sua espécie quanto aos prazos de germinação, crescimento, florescimento, frutificação...

A própria árvore poderá responder.

Se bem cuidada, com adubo e irrigação, ela se desenvolve mais rápido, produz frutos maiores e melhores.

Da mesma forma, podemos acelerar nossa evolução, a partir de uma firme disposição. Um *adubo* dos mais eficientes, neste particular, chama-se conhecimento. Quem o exercita enxerga mais longe, equaciona melhor seus problemas, define com propriedade suas necessidades.

A decantada *reforma íntima*, o ajuste às leis da vida com o expurgo de mazelas e tendências inferiores, será sempre problemática sem a ampliação de nossos horizontes culturais.

Por isso, Sócrates ensinava:

Só há um bem: o conhecimento; só há um mal: a ignorância.

Poderíamos contestar o sábio grego, lembrando que há homens de grande cultura e equivalente maldade.

Estes, entretanto, são meros cabides culturais. Carregam muitas informações sem saber lidar com elas, já que lhes falta o essencial: o empenho por conhecerem-se a si mesmos, que o próprio Sócrates definia como fundamental na orientação de nossa existência.

* * * *

As Ciências Psicológicas abrem campo para o des-bravamento de nosso universo interior, como seres humanos; mas somente a Doutrina Espírita ilumina, suficientemente, o caminho para uma visão mais ampla, relacionada com nossa condição de Espíritos eternos.

Neste particular, o recurso maior, o instrumento mais acessível, a fonte mais generosa é o *livro espírita*, este peregrino da verdade que transita de mão em mão, de lar em lar, a iluminar consciências e aquecer corações.

Conta a mitologia grega que Zeus, pai dos deuses, ofereceu a Pandora, a primeira mulher, uma bela e luxuosa caixa, com a recomendação expressa de que jamais a abrisse.

Obediente, a Eva dos gregos seguiu a orientação, mas Epimeteu, seu marido, contrariando o princípio de que a curiosidade é um atributo

feminino, ardeu-se no desejo de saber, a qualquer custo, o que encerrava o presente de Zeus.

Surgindo uma oportunidade, com a ausência de Pandora, não perdeu tempo. Tomou a caixa e a abriu.

Horrorizado, viu que continha todos os males.

Estes, libertos por sua imprudência, como gênios maus, espalharam-se pelo Mundo.

No fundo da caixa ficou apenas a esperança.

* * * *

Ao contrário do presente de Pandora, o livro espírita é uma caixa mágica que deve estar sempre aberta em nossas mãos.

Nele estão gênios amigos de esclarecimento e orientação que, muito mais que simples esperança, oferecem-nos segurança, diante da vida, e alegria de viver.

O livro espírita é a oportunidade de formar em nossa casa a *biblioteca do sublime*, o substrato da sabedoria humana nos caminhos do conhecimento.

Não falem nela as obras fundamentais de Allan Kardec, o bê-á-bá da Doutrina Espírita.

Em qualquer estágio de aprendizado, teremos sempre no Codificador o ensejo de consolidar conhecimentos e desfazer dúvidas, ensaiando um comportamento melhor, uma visão mais objetiva de nossas necessidades, uma participação mais ativa em favor de uma sociedade melhor.

Diz Sófocles *que o saber é a parte mais importante da felicidade.*

Em Kardec está *importante parte do saber.*

UM HEROI DO OUTRO MUNDO

Afirma o romancista inglês Anthony Trollope:

“O amor aos livros, meus amigos, é o seu passo para a maior, a mais pura, a mais perfeita satisfação que Deus preparou para as suas

criaturas. Dura quando todas as outras satisfações desaparecerem. Durará até a nossa morte. Fará nossas horas agradáveis, enquanto vivermos”.

Quem ama os livros sabe que é exatamente assim.

Tão logo aprendi as primeiras letras, tornei-me um devorador desse maná dos céus que nos alimenta o espírito.

Aos nove anos, nos idos de 1944, entusiasmei-me, quando ouvi comentários, no círculo doméstico e nas aulas de moral cristã, no Centro, a respeito de um livro fantástico que descrevia a vida no Além.

Interessei-me, de pronto, mas recebi a frustrante informação de que não era leitura para criança.

— Por quê? — perguntei, curiosidade aguçada.

E me responderam os familiares com “aquela” lógica dos adultos, quando não estão dispostos a dar explicações aos fedelhos:

— Porque não!

E fim de papo.

* * * *

Felizmente, minha avó Flelena, brava imigrante italiana que enviuvara jovem e criara dez filhos, interessou-se pelo assunto. Como não aprendera a ler em português, o primo Ermeti prontificou-se a ajudá-la.

Não perdi a oportunidade. Vovó aceitou de bom grado minha participação. Diariamente, à noitinha, eu comparecia à reunião íntima, em que Ermeti, experiente locutor, que militava há anos nas lides radiofônicas, dramatizava a leitura do livro, introduzindo comentários oportunos e esclarecedores para dois ouvintes atentos: vovó e eu.

Era como se estivéssemos acompanhando uma novela da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a maior audiência do País, naqueles tempos sem TV.

Vovó encantava-se. Eu mais ainda com as aventuras daquele herói “do outro mundo”. Os diálogos estavam acima de minha

compreensão, mas ficava siderado com os aspectos inusitados da narrativa:

Um vale de sombras por onde o "mocinho" vagara durante anos, observado por inimigos ocultos...

Os prodigiosos ônibus voadores...

O sistema de defesa de uma cidade espiritual, com sofisticados canhões...

Aparelhos de comunicação que conjugavam som e imagem...

Um Espírito perseguido por um monstro terrível — o próprio corpo em decomposição...

Outro, impedido de entrar na cidade, porque não se arrependera de ter matado cinquenta e oito crianças, como profissional do aborto...

* * * *

Ao longo dos decênios que se seguiram, reli inúmeras vezes o livro maravilhoso, todo grifado, repleto de observações à margem, folhas gastas, tantas vezes estive em minhas mãos para consultas.

Na medida em que escoam os anos, em que amadureço ao calor das experiências humanas, novos aspectos se destacam, como se o livro fosse um repositório mágico que multiplica inesgotáveis informações.

Certamente, o leitor já o identificou.

É "Nosso Lar", psicografia de Francisco Cândido Xavier, autoria do Espírito André Luiz, um luminoso marco na literatura espírita.

Embora já na Codificação tenhamos notícias do Além, notadamente em "O Céu e o Inferno", e várias outras obras abordem o assunto, nunca recebemos tão amplo detalhamento sobre o mundo espiritual.

Outros livros do mesmo autor espiritual vieram, com a mesma psicografia de Chico Xavier ("Os Mensageiros", "Missionários da Luz", "Obreiros da Vida Eterna" e os demais livros da coleção), constituindo-se na mais importante contribuição literária em favor do Espiritismo, desde a Codificação.

Não há novidades.

André Luiz é Kardec puro.

O que identificamos é um majestoso desdobramento.

O que Kardec revelou em síntese, André Luiz apresenta em detalhes, numa gloriosa visão do Mundo Espiritual e do relacionamento entre encarnados e desencarnados.

Seus livros serão estudados nas Universidades, quando a Ciência terrestre, incapaz de sustentar as teorias *reducionistas* em face dos próprios avanços, descobrir o Continente Espiritual.

* * * *

Sinto que meu padrão vibratório melhora substancialmente, quando leio André Luiz.

Sinto-me mais responsável, mais consciente, com redobrada energia para vencer minhas imperfeições, tão envolvente, esclarecedora e edificante situa-se a narrativa.

É sempre com emoção que me debruço sobre aquele momento decisivo, quando André Luiz, em pleno Umbral, após passar ali oito anos de solidão e angústia, cai em si, lembrando-se da Paternidade Divina, como ocorre na Parábola do Filho Pródigo. Abre, então, seu coração para Deus, numa torrente de lágrimas.

Imediatamente, como se esperasse apenas por aquele *despertamento*, Clarêncio, dedicado Mentor Espiritual, faz-se visível, dizendo-lhe, carinhoso:

“— Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara”.

Começava ali a gloriosa experiência de André Luiz em “Nosso Lar”, a cidade do Além que povoa nossa imaginação e acalenta nossos sonhos, quando cogitamos de onde vamos morar, quando chegar nossa hora.

Mas é preciso considerar a advertência amorosa do autor:

“Oh! amigos da Terra! quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois”.

Deveríamos inscrevê-la em letras garrafais na intimidade de nossa consciência.

Afinal, bem mais do que nos oferecer horas agradáveis enquanto vivermos, como observa Trollope, um livro como “Nosso Lar” mostra o que virá depois.

André Luiz projeta luzes imensas sobre os caminhos humanos, orientando-nos, para que não nos percamos em trilhas de ilusão que fatalmente nos conduzirão a regiões umbralinas, onde, segundo a expressão evangélica, “há choro e ranger de dentes”.

QUEIMAR GORDURAS

Um amigo demonstrou interesse em conhecer algo sobre a Doutrina Espírita.

Dei-lhe um exemplar de “Nosso Lar”.

— Você se deslumbrará com as revelações contidas nesse livro. Uma visão surpreendente das realidades espirituais, mostrando o que nos espera no além-túmulo.

— Vejo que é ardoroso fã do autor...

— De carteirinha! Seus livros constituem um marco na literatura mediúmica! Um passo adiante nos caminhos do Espiritismo!

Passados alguns dias, encontramos-nos.

— Leu?

— Parei na metade...

— Não gostou?...

— Pedi um livro espírita. Você apresentou-me uma fantasia digna de H.G.Wells ou Júlio Verne. Só posso admitir como elaborada ficção essa existência espiritual, copiada da Terra, onde Espíritos se alimentam, dormem, movimentam-se em veículos, residem em cidades fortificadas. Até se casam! É muita imaginação!

* * * *

A experiência serviu-me de lição.

André Luiz é literatura para iniciados em Espiritismo, familiarizados com a existência do Perispírito.

Veículo de manifestação do Espírito no plano em que atua, esse corpo celeste, a que se referia o Apóstolo Paulo, é feito de matéria também, numa outra faixa de vibração, em outra dimensão, num mundo paralelo.

Assim, as comunidades espirituais que se formam junto à crosta terrestre organizam-se de forma semelhante às sociedades humanas, desenvolvendo atividades e experimentando necessidades que se aproximam daquelas que caracterizam a população encarnada.

Esta a razão pela qual muitos Espíritos não percebem sua condição de desencarnados. Gravitam em torno de situações e pessoas a que estiveram vinculados, comportando-se como “vivos”.

Irritam-se, porque amigos e familiares não lhes dão atenção...

Afligem-se com sensações de fome, sede, frio...

Chegam a procurar abrigo, quando chove torrencialmente, tal sua identificação com o plano físico.

* * * *

Dirá o leitor:

— Bem, se eles se sentem tão “vivos” que temem temporais, vamos conservar nossas casa trancadas, evitando a invasão de malfeitores e desocupados do Além.

Até pode funcionar, precariamente, em relação aos últimos. Bom não esquecer que Espíritos de atilada inteligência, devotados ao mal, aqueles que efetivamente podem nos ameaçar, não encontram nenhuma dificuldade em transpor portas e paredes.

Contra eles só há uma defesa:

Acender a luz do Evangelho nos corações que convivem no lar.

Em casa iluminada pelo Cristo não há acesso para as infiltrações das sombras.

* * * *

Ouvi curiosa experiência de um médium vidente, que se relaciona com o assunto.

Contou-me que esteve hospedado em casa de um confrade, proprietário de um cão que identificava Espíritos malfeitores e avançava sobre eles, pondo-os a correr.

Isso mesmo, caro leitor!

Os Espíritos temiam o cachorro!

O médium confirmou pela vidência que não se tratava de nenhuma “história de pescador”. Tanto quanto ele, o cão enxergava os Espíritos. E comentou, bem-humorado:

— Tenho visto muito médium-cachorro, mas cachorro-médium foi a primeira vez!

Como pode o Espírito temer o cão, se está numa outra dimensão?

Problema de densidade perispiritual.

Embora o animal não possa atingi-lo, é como se o fizesse, tal sua identificação com a dimensão humana.

* * * *

Visitando o crematório, em Vila Alpina, São Paulo, ouvi do administrador curiosas informações. Uma delas dizia respeito à temperatura.

— Perto de 3.000 graus centígrados dentro do forno. O senhor pode imaginar o que é isso, se considerar que a água ferve a cem graus...

Lembrei-me dos grandes incêndios.

— Entendo, agora, porque as pessoas presas no alto de um edifício em chamas saltam para o abismo. Certamente não suportam o calor. Deve aproximar-se dessa temperatura infernal do forno...

— Sim! É muito quente! Tão quente que tudo entra em combustão — caixão, metais, enfeites, forro, flores, roupas... Até o cadáver!

— Transforma-se numa tocha?!...

— Literalmente. E quanto mais gordo o defunto, maior o fogaréu. Em alta temperatura a gordura torna-se inflamável.

O confrade que me acompanhava não se furtou ao humor negro:

— Então, para ser cremado é bom um regime alimentar rigoroso! Morrer esguio, esbelto... Melhor: morrer esquelético! Sem banhas sobrando, senão vai ser aquela fogueira!

* * * *

Sejamos ou não cremados, imperioso um “regime espiritual”, se pretendemos transitar sem percalços no Além.

É preciso eliminarmos as “banhas” que se acumulam em nossa organização perispiritual, frutos de vícios e paixões, excessos e destemperos, sentimentos negativos e ideias infelizes, que funcionam à maneira de pesados lastros de sombras que nos prendem à Terra, dificultando nossa readaptação à vida em plenitude.

A respeito do assunto, temos uma valiosa “Dieta Espiritual”, apresentada pelo Espírito Casimiro Cunha, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

Ergue-te cedo e bendize

O sol da renovação.

Começa o labor do dia

No convívio da oração.

Trabalha espontaneamente

No que te cabe fazer.

Espalha o serviço, em torno

Além do próprio dever.

À frente de quem precise

Não transites de relance.

Socorre quanto puderes,

Toda aflição que te alcance.

Cultiva a intenção correta,

Estende o braço cortês,

Escuta com vigilância

E fala com sensatez...

Esquece a própria pessoa,

Mas, ante o bem coletivo,

Ampara a causa de todos

Na compaixão de olho vivo.

Atende aos tratos da vida,

Na obrigação sem atraso,

Defende a própria saúde,

Comendo no prato raso.

Bebe água limpa da fonte,

Coloca o banho em rotina,

Repousa, durante a noite,

No estudo e na disciplina.

Se a mágoa chega e te fere,

Exerce a bondade e vence-a.

Todo conflito reclama

Firmeza e paciência.

Resguarda a paz em ti mesmo

E, em todo mal imprevisto,

Recorre ao receituário

Do médico Jesus-Cristo.

A SÍNDROME DE CAROLINA

— Não provei e não gostei!

Essa a tácita informação de minha filha Carolina, que já aos 3 anos revelava a espantosa autodeterminação das crianças de nosso tempo, recusando-se terminantemente a ingerir determinados alimentos, ainda que dotados de um visual dos mais convidativos.

Eventualmente, após muita insistência, dignava-se a oferecer uma “colher de chá” aos “coroas”.

Então, adorava, empanturrando-se.

* * * * *

Penso nessa tendência infantil, quando alguém sugere uma atividade nova no Centro Espírita “Amor e Caridade”, em Bauru, do qual participo.

Não raro a ideia sofre séria ameaça de rejeição no nascedouro, simplesmente na base do “não provei e não gostei”, que eu chamaria de “Síndrome de Carolina”.

Por que não oferecer um voto de confiança, com a disposição de implementá-la? Afinal, se não logramos sucesso, ficará a experiência, igualmente valiosa em relação a empreendimentos futuros. E haverá o grande mérito de não sufocarmos a iniciativa e a criatividade dos companheiros.

Mesmo as melhores ideias são, em princípio, plan-tinhas frágeis, facilmente esmagadas por objeções e dúvidas que, geralmente, nada mais exprimem senão desinteresse e má vontade.

Sofri a “Síndrome de Carolina” antes da instalação do “Clube do Livro Espírita”, de Bauru, há dois decênios.

No início dos anos 70, em contato com José Reis, de Marília, e Leopoldo Zanardi, que residia em Tupã, ouvi referências entusiasmadas quanto à eficiência do CLE, trabalho pioneiro naquelas cidades.

Diretor do Departamento do Livro, órgão da União Municipal Espírita de Bauru, UMEB, refuguei por bom tempo a ideia de criar o CLE, sem sequer apresentar uma justificativa consistente. Desaprovei, antes de provar.

A insistência de ambos acabou por convencer-me à experiência. Em 1973 era fundado o CLE de Bauru, patrocinado pela UMEB. O primeiro livro foi “Chico Xavier Pede Licença”, uma coletânea de mensagens psicogra-fadas pelo querido médium, com comentários de Hercu-lano Pires, edição GEEM, de São Bernardo do Campo.

Começamos com 200 associados. Em breve, eram mais de 1.000. Um espanto! Jamais se venderam tantos exemplares de um livro em Bauru. E isto vem ocorrendo todos os meses, desde aquele recuado janeiro de 1973.

* * * *

O CLE tem aspectos marcantes:

Aumenta o movimento em bancas, feiras, livrarias, na medida em que desperta interesse pela literatura espírita.

Com entregas em domicílio, o livro entra na casa de pessoas que nunca entraram em instituição espírita.

Amplia tiragens e edições de obras publicadas, reduzindo o preço.

E, sobretudo, vende muito. Venda certa, mensal, constante, a distribuir livros e mais livros a mão-cheia, convidando o povo a “pensar o Espiritismo”, como diria Castro Alves.

* * * *

Em 1976, em face do sucesso estrondoso do CLE, em Bauru, disparamos a campanha “O Ovo de Colombo”, patrocinada pela UMEB. Consistia na distribuição gratuita de um livreto de instruções para a instalação desse serviço em outras cidades.

O título passava a ideia de que a divulgação do livro espírita, empreendimento que muitos consideram complicado e dispendioso, pode ser facilmente *colocado em pé*, lembrando a experiência de Cristóvão Colombo que fez o mesmo com um ovo, algo aparentemente impossível, simplesmente quebrando com ligeiro toque a extremidade que serviria de base.

Um pequeno esforço para *quebrar a* “Síndrome de Carolina”, e eis o CLE a confirmar seu incomparável potencial em favor do livro espírita.

Com a colaboração de Merhy Seba, ligado à área de publicidade, foram preparados anúncios distribuídos a vários jornais e revistas espíritas.

Tinham sugestivos *slogans*:

“Você ainda não instalou o CLE em sua cidade? Não sabe o que está perdendo!”

“Sua cidade já colocou este ovo em pé?”

“A maior caridade que praticamos em relação à Doutrina Espírita é a sua própria divulgação”.

Este último, dotado de extraordinária força de comunicação, foi extraído de uma mensagem de Emmanuel, conforme era citado no anúncio. Desde então, é usado pela imprensa espírita sempre que se destaca a importância do livro espírita.

A campanha obteve ampla repercussão.

Foram distribuídos 1.200 livretos, e tivemos notícia da instalação de 115 Clubes em todo o Brasil, particularmente no Estado de São Paulo.

* * * *

O movimento de divulgação do CLE continua, hoje, com a coordenação do “Divulgador do Livro Espírita”, organização que estimula a formação de equipes interessadas em favorecer a disseminação do livro espírita com a instalação de bancas, livrarias, feiras e clubes. A sede está em Ribeirão Preto, Caixa Postal 1289.

Acalentamos um sonho:

Ver chegar o dia em que, vencida a “Síndrome de Carolina”, todas as cidades brasileiras tenham o seu CLE, com apoio e referência de um movimento espírita atuante e empreendedor.

Depende de você, leitor amigo.

Pense nisso!

Você pode ser a diferença entre o sonho quimérico e a gloriosa realização!

UMA QUESTÃO DE HERMENÊUTICA

Por que há Espíritas que nada fazem no Centro Espírita, senão frequentar reuniões, como se meramente cumprissem uma obrigação religiosa?

Talvez porque ninguém lhes tenha informado o essencial:

Espiritismo é trabalho.

Um Mentor Espiritual que se manifestava num grupo do qual participei, ia mais longe, repetindo sempre um lema que nos deveria orientar:

“Trabalho, trabalho e trabalho”.

Enfatizava que era inadmissível que, como Espíritas, comparecêssemos ao Centro sem assumir encargos.

Qualquer pessoa com um mínimo de contato com a Doutrina deve estar informada de que ser Espírita é “arregaçar as mangas”, vinculando-se a iniciativas que objetivam o bem-estar dos indivíduos e das coletividades.

* * * *

Oportuno destacar, neste particular, que o empenho isolado é geralmente improdutivo e efêmero.

Seres sociais, programados para a convivência, precisamos dela, não apenas em relação às necessidades emocionais, afetivas e espirituais, mas também para tornarmos eficientes, produtivas e, sobretudo, sem solução de continuidade nossas iniciativas em favor de uma sociedade mais justa e feliz.

A união que faz a força, faz também a sustentação do serviço. Os participantes de uma atividade estimulam-se reciprocamente, até quando cobram dos companheiros eventuais ausências.

Se nos dispusermos a visitar semanalmente uma favela, experimentaremos muito maior segurança e dedicação integrados em grupos inspirados pelo mesmo propósito de beneficiar os que ali passam privações.

Dal, a necessidade de instituímos nos Centros Espíritas atividades variadas, particularmente de assistência e promoção social, nas quais encontramos as maiores carências, oferecendo ao frequentador a melhor oportunidade para transformar-se em colaborador.

* * * *

Dirigentes espíritas reclamam de dificuldades neste particular. Alegam ser impraticável criar trabalho, se não há trabalhadores.

No entanto, a experiência demonstra que, quando instalamos o serviço, sempre aparece o servidor.

E mais: quando não cerceamos a iniciativa dos companheiros, multiplicam-se atividades produtivas, com gratas surpresas quanto às suas potencialidades.

Merece destaque, neste particular, a lamentável tendência de alguns dirigentes espíritas que atuam como âncora, impedindo que a instituição singre mares de promissoras realizações.

Assumindo uma postura ditatorial, inibem a iniciativa dos companheiros.

A pretexto de sustentar a disciplina, conservam estagnada a instituição.

* * * *

Em relação aos múltiplos afazeres que podem ser desenvolvidos pelo Centro Espírita, transformando-o numa colmeia onde todos tenham uma função, há um que se vem desenvolvendo em nosso meio, merecendo especial atenção:

A Casa de Sopa.

Trata-se da edificação de núcleos assistenciais em bairros pobres, onde são servidas refeições a famílias carentes, particularmente crianças, atendendo aquela que é a necessidade maior na atual conjuntura brasileira: alimentar multidões famintas.

A partir da instalação, que é muito simples — um barracão e uma cozinha em bairro humilde — inúmeras atividades complementares podem ser programadas: evangelização infantil, atendimento espiritual, orientação doutrinária, clube de mães, tratamentos médico

e odontológico, ensino profissionalizante e tudo o mais que a imaginação e a iniciativa dos voluntários venham a conceber.

Começa-se com a atividade semanal. Paulatinamente, com a formação de novos grupos, amplia-se o atendimento, até tornar-se diário.

As despesas da instituição são mínimas. Cada grupo arrecada os recursos de que necessita em feiras, padarias, supermercados, mercearias e com pessoas de boa vontade.

* * * *

No “Amor e Caridade”, em Bauru, começamos com um núcleo, em região carente, atendimento semanal. Hoje são quatro núcleos, com atendimento diário, mobilizando 28 equipes e perto de 250 voluntários.

Que mágica é essa? Como engajar tanta gente?

Será o bauruense um prodígio de generosidade e disposição de servir?

Nada disso. A população de Bauru não se distingue, neste particular, da de outras cidades.

É apenas uma questão de motivação.

Nas reuniões públicas, nos grupos de atendimento espiritual, nas sessões mediúnicas, nos cursos doutrinários, há sempre a mesma tônica, enfatizando o trabalho.

Males do corpo e da alma?

O melhor remédio é empenhar-se em favor do semelhante.

Angústia existencial?

Experimente a alegria de servir.

Problemas mediúnicos?

Equilibre-se na sintonia da fraternidade.

Graças a essa orientação, multiplicam-se voluntários. Tudo o que a instituição tem a fazer é multiplicar serviços, ampliando sempre a Seara do Bem.

* * * *

Entendemos que quando Jesus proclamou que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos, referia-se ao fato de que poucos se dispõem a atender aos apelos do Céu, porquanto não podemos admitir que Deus tenha preferências.

Mas o problema é também de hermenêutica.

“Fora da Caridade não há Salvação.”

Estarão os dirigentes espíritas entendendo o significado e o alcance dessa proclamação básica de Kardec, que complementa o ensino de Jesus?

E mais:

Estarão sendo suficientemente explícitos e convincentes, ao informarem seus ouvintes de que somente se salvarão da infelicidade na medida em que estiverem dispostos a trabalhar pela felicidade do semelhante?

MEDIUNIDADE COM JESUS

Na adolescência, frequentei reuniões mediúnicas durante algum tempo. Impressionava-me a quantidade de Espíritos mistificadores que se manifestavam. Eram, invariavelmente, desmascarados pelo doutrinador. Este atuava como perspicaz detetive, a lidar com marginais enquadrados em "falsidade ideológica", expressão que define indivíduos que simulam ser o que não são.

Ficava-me a impressão de que a reunião mediúnica era um viveiro de inteligências transviadas, empenhadas em explorar os incautos e que seria preciso manter ligado o “desconfiômetro”, para não sermos envolvidos por suas sutilezas.

A experiência e o estudo demonstraram-me que não é exatamente assim. A natureza dos Espíritos manifestantes depende, normalmente, das disposições do grupo, observado o princípio da sintonia.

Se os participantes guardam intenções policialescas, teremos desencarnados dispostos a essa refrega entre “mocinhos da Terra” e “bandidos do Além”, com duvidoso aproveitamento...

Se há mera curiosidade, sem nenhuma noção quanto aos imperativos da sustentação vibracional com valores de disciplina, o ambiente será facilmente tomado por influências inferiores, ocorrendo perturbadores fenômenos mediúnicos entre os assistentes...

Se cultivamos o petitório, à procura de favores espirituais, teremos a presença de entidades envolvidas com o imediatismo da vida material; ainda que bem intencionadas, pouco poderão oferecer...

Não raro, as pessoas que participam de reuniões assim acabam enredadas em processos obsessivos, sob o domínio de Espíritos que lhes exploram as tendências.

* * * *

Só há uma maneira de garantir a presença de benfeitores legítimos para pleno aproveitamento do intercâmbio com o Além:

Exercitar a mediunidade com Jesus.

Como alcançar esse entrosamento?

Evocando seu nome, com orações ardentes ou com a leitura de trechos evangélicos...

Seria isso o bastante? A experiência demonstra que não.

Evocavam o Cristo:

Reis guerreiros que transformaram o Cristianismo em bandeira de guerra, nas famigeradas cruzadas...

Inquisidores cruéis que enviavam condenados à fogueira, com o "piedoso" propósito de salvar suas Almas...

Sacerdotes que benziavam canhões, a fim de torná-los mais eficientes em sua destinação destruidora...

Exercitar a mediunidade com Jesus é guardar a disposição de servir com Ele, anulando impulsos personalistas para nos colocarmos à disposição dos benfeitores espirituais, a salvo de incursões das trevas.

Imperioso, portanto, encarar a reunião mediúnica como abençoada oportunidade de trabalhar pela edificação do Bem.

* * * *

Passou-se o tempo dos fenômenos espetaculosos, relacionados com a mediunidade de efeitos físicos. Embora seja razoável que tenhamos médiuns trabalhando nesse campo capaz de impressionar os incrédulos, há

uma nova realidade a considerar:

O intercâmbio com o Além, nos Centros Espíritas bem orientados, vem assumindo a feição de pronto-socorro espiritual, em que vasto contingente de Espíritos perturbados e aflitos encontram lenitivo e orientação.

Em face de seu turbilhonamento mental, presos às impressões da vida material, eles não identificam sua nova condição, nem a presença de amigos desencarnados que procuram ampará-los. São sonâmbulos que falam e ouvem, mentalmente desvinculados da realidade em que se encontram.

O contato com as energias físicas do médium desperta-os, oferece-lhes momentos de lucidez, permitindo a troca de ideias com o doutrinador. Este não deve ser simplesmente alguém que transmite doutrina, mas um irmão de boa vontade que procura sensibilizar o coração desses Espíritos aflitos com palavras amigas e carinhosas, evitando fustigar seu cérebro exausto com informações extemporâneas.

Se o grupo for coeso neste propósito, exercitando vibrações de fraternidade pura, os desencarnados experimentarão brando alívio, animando-se, sobretudo, com a convicção de que há pessoas interessadas em seu bem-estar.

A oração em seu benefício, no mesmo clima de piedosa solicitude, completará a ajuda inicial, favorecendo o atendimento posterior dos benfeitores espirituais.

A participação em serviços dessa natureza é compromisso que todo Espírita esclarecido e consciente deve assumir, em seu próprio benefício.

Quando servimos ali com Jesus, servimo-nos do imenso reservatório de bênçãos que a Espiritualidade Maior nos oferece.

COISA DE DOIDO!

Você sabe o que é Transcomunicação, amigo leitor?

Se a resposta for negativa, não se acanhe.

Pouca gente conhece o assunto.

A própria mídia prefere ignorá-lo, mais interessada em escândalos governamentais, tricas políticas, noticiário policial.

Lamentável.

A Transcomunicação terá influência decisiva para moralizar o governo, conter os desmandos políticos, reduzir a criminalidade e estabelecer as bases para uma sociedade mais consciente e disciplinada.

Como?

A partir do contato com os mortos, mediante a utilização de aparelhos eletrônicos que nos permitirão confirmar o princípio fundamental que está em todas as religiões:

Colheremos na vida espiritual as consequências de todos os prejuízos causados ao semelhante, submetidos a sofrimentos reparadores.

Parece coisa de doido?

Engano seu.

As pesquisas situam-se tão avançadas na Europa que, muito breve, doidos serão os que insistirem em negar a realidade desse intercâmbio instrumental. Algo semelhante à doidice dos participantes de uma “Sociedade Inglesa para Defesa da Terra Plana”, que lançaram um manifesto quando os americanos desceram na Lua, proclamando que aquilo tudo era um engodo, que as fotos supostamente batidas em nosso satélite, que mostram a Terra redonda, eram forjadas.

* * * *

Todas as religiões apóiam-se na ideia da sobrevivência.

Seus fundadores tiveram experiências místicas e foi a partir do contato com o Mundo Espiritual que desenvolveram seus princípios.

Francisco Cândido Xavier, o mais famoso médium psicógrafo, que escreve sob influência dos “mortos”, tem estabelecido contato com milhares de desencarnados que, por seu intermédio, conversam com familiares e amigos.

Centenas de livros foram psicografados por esse prodigioso *linotipo do Além*. Neles há textos assinados por escritores e poetas ilustres como Humberto de Campos, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro Cunha, Gonçalves Dias e muitos mais.

Observado o princípio segundo o qual o *estilo é o homem*, esses “mortos” identificam-se claramente no próprio conteúdo de suas mensagens.

Também entre católicos e evangélicos abrem-se, na atualidade, frentes de contato com o Mundo Espiritual, em movimentos carismáticos que revivem práticas de evocação do Espírito Santo, das antigas comunidades cristãs. Procuram, com semelhantes iniciativas, dar mais consistência à religião ameaçada pelo materialismo avassalante de nossos dias.

Tais práticas, ainda que cercadas de rigorosas disciplinas e controles como ocorre no Espiritismo, não são aceitas como evidências da sobrevivência pela comunidade científica. Para os cientistas é tudo fruto de condicionamentos supersticiosos, ignorância e mistificação.

Quanto aos fenômenos inegáveis e autênticos produzidos por Chico Xavier, são atribuídos pelos cientistas ao inconsciente humano, capaz de realizar prodígios e de simular a presença de um “morto”, imitando à perfeição seu jeito de ser.

* * * *

Ocorre que na Transcomunicação estamos diante de um fato novo.

Os transcomunicadores utilizam aparelhos de rádio, receptores de TV, gravadores e até computadores, para captarem os sinais do outro mundo, estabelecendo uma ponte eletrônica entre os vivos e os “mortos”.

Ao que consta, esses aparelhos não são passíveis de sofrer alucinações, nem de internação em manicômios.

Não são doidos.

Haverá cientistas do tipo “não vi e não gostei”.

Outros do tipo “não acredito, porque não vi, e mesmo que visse não acreditaria. Sei que é impossível”.

Não obstante, vanguardeiros como Thomaz Alva Edison, desses que impulsionam o progresso, sentem a importância dessa pesquisa e estão aperfeiçoando o instrumental necessário.

Vale destacar que o grande inventor norte-americano tentou construir um aparelho para o contato com o Além. Só não consumou o intento, em virtude da precariedade tecnológica de seu tempo.

* * * *

Não é preciso ser profeta para antecipar que a Transcomunicação terá grande destaque no próximo século, estabelecendo as bases definitivas para um contato objetivo e inconfundível com aqueles que nos precederam na jornada além túmulo.

Assumindo, então, sua condição de Espírito eterno, o Homem valorizará a necessidade de auto-aprimoramento moral e intelectual, que lhe permita um jornada feliz nos caminhos do Infinito, com radicais transformações na sociedade terrestre.

Nesse futuro promissor, será inconcebível o cultivo de ambições e vícios, violências e desatinos, desonestidades e mentiras que fazem a confusão do Mundo.

Isso tudo será do passado, coisa de doido!

O GRANDE MILAGRE

Diariamente, a caminho de suas atividades profissionais, aquele homem passava nas proximidades de uma favela.

Observava, penalizado, o desconforto daquela gente humilde, amontoada em barracos precários que ostentavam a estética da miséria e ocultavam pungentes dramas marcados pela fome, a enfermidade e a desolação.

— Que situação, meu Deus! Como é possível uma existência assim, sem perspectivas, sem esperanças, sem o mínimo compatível com a dignidade humana!

E orava, fervoroso:

— Senhor! Ampara esses irmãos desvaiídos! Que tua Divina Providência se faça sentir, minorando seus padecimentos, melhorando suas condições de vida!...

Um dia, foi assaltado por moradores da favela.

Começaram por dar-lhe alguns sopapos que o prostraram inerte.

Tiraram-lhe os sapatos, o dinheiro, o relógio, a camisa.

De lambuja, surripiaram-lhe a compaixão.

Estirado no chão, a gemer dolorido, esbravejava:

— Ladrões desavergonhados! Assassinos! Nunca mais pedirei a Deus por esses vermes! Quero mais é que se danem!

* * * *

Haveria um problema cármico naquela inesperada agressão?

Certamente.

O *carma da omissão*, que poderíamos situar como problemas e sofrimentos que colhemos sempre que não desenvolvemos nenhuma iniciativa para debelar males que atingem a sociedade.

É notório que, ao crescer na periferia, a miséria derrama-se em violência sobre os centros urbanos.

Assim, o combate à violência deveria ser, essencialmente, um combate às carências materiais e morais da população, com recursos de alimentação e valores de educação.

Na questão nº 642, de “O Livro dos Espíritos”, o Mentor Espiritual que responde a Kardec informa que somos responsáveis por todo o mal resultante do fato de *não praticarmos o Bem*.

Se deixamos crescer o mato no quintal de nossa casa, arriscamo-nos a ser picados por insetos e até ofí-dios, que ali se instalarão.

Mais cedo ou mais tarde, todos acabamos vitimados pelo mal que prospera à sombra de nossa indiferença diante dos problemas sociais, particularmente aqueles que atingem a população carente, segregada nesses nichos de miserabilidade que são as favelas.

^

Dirá você, leitor amigo, que aquele homem não foi totalmente omisso.

Afinal, orava pelos favelados...

Creio, porém, que isso apenas aumentou sua responsabilidade. Se orava por eles é porque tinha consciência de suas carências.

O que esperava?

Que Deus fizesse brotar o maná do Céu em plena favela?

Que abrisse as portas de celestes supermercados?

Que materializasse anjos tutelares, para orientá-los?

Diz o Espírito André Luiz, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

“Deus atende as criaturas por intermédio das criaturas”.

Assim, o grande milagre da renovação social, do atendimento às carências do Homem, será a nossa decisiva iniciativa em favor do bem comum.

Por nosso intermédio Deus poderá revelar-se às criaturas, desde que nos decidamos a agir como criaturas de Deus.

A VIOLÊNCIA INICIAL

O tema *violência* é a maior preocupação da sociedade atual.

Há um clima de intranquilidade, em face do assustador contingente de indivíduos que não vacilam em agredir e até matar, para atingir seus objetivos criminosos.

É um fenômeno universal.

Nos Estados Unidos, o país mais rico da Terra, onde há amplos recursos para combatê-la, a violência está tão disseminada nas grandes cidades que é temerário transitar por suas ruas no período noturno.

Lá, como no Brasil, a concentração de riquezas por minorias, em detrimento de vastos segmentos da população que passam privações, gera incontrolável agressividade, em ondas de criminalidade que conturbam a vida social.

* * * *

Toda violência existente na Terra, desde os conflitos domésticos às guerras de extermínio, decorre do *desamor* ou falta de amor.

Nessa agressão inicial que praticamos contra nós mesmos — filhos de Deus programados para amar — está a gênese do problema.

Amar é *pensar no outro*, exercitando respeito e buscando atender suas necessidades e carências.

Presenciei, noutro dia, cena deplorável.

Um homem batia numa mulher em plena via pública. Deu-lhe dois ou três sopapos e partiu, deixando-a es-tirada no solo. Foi revoltante...

No entanto, há uma violência não menos lamentável que praticamos frequentemente, sem maiores repercussões, sempre que passamos por alguém em penúria e o ignoramos.

Isso também é desamor.

* * * *

No capítulo X do Evangelho de Lucas, pergunta o fariseu a Jesus:

— Quem é o meu próximo?

Jesus responde com a encantadora parábola do Bom Samaritano:

"Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando foi agredido por assaltantes que lhe tiraram todos os haveres, deixando-o estirado no solo.

Um sacerdote passou pelo local, e vendo-o passou de largo.

Também um levita, chegando perto, o viu e foi adiante. Mas um samaritano compadeceu-se dele. Cuidou de seus ferimentos. Conduziu o ferido a uma estalagem. Recomendou ao estalajadeiro que o atendesse em suas necessidades, dispondo-se a garantir as despesas".

Jesus termina a narrativa, indagando quem fora o próximo do viajante assaltado.

O fariseu reconheceu que fora aquele que usara de misericórdia com o ferido.

A expressão *próximo* significa *da mesma condição*. Mais exatamente, no presente episódio, *a condição humana*.

Como o próprio fariseu admitiu, a capacidade de compadecer-se é um atributo do homem.

Isto posto, se não nos sensibilizamos diante das misérias alheias, precária é a nossa humanidade.

Após o episódio citado, ainda no mesmo capítulo, o evangelista Lucas dá sequência ao assunto, agora envolvendo o relacionamento familiar. Reporta-se à visita de Jesus ao lar de Marta e Maria, irmãs de Lázaro.

Maria empolga-se com a presença do Mestre e o ouve, embevecida.

Marta se movimenta, às voltas com os afazeres domésticos.

Irrita-se, porque Maria não a auxilia.

Finalmente, não se contém. Dirige-se a Jesus:

— Senhor, não te importas que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude.

A resposta de Jesus é inesquecível:

— Marta, Marta, andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e esta não lhe será tirada.

* * * *

Há na amorável admoestação do Mestre dois aspectos fundamentais, que resumem toda uma filosofia.

O primeiro diz respeito a Maria, coerente com sua posição de discípula do Cristo.

Se é normal que nos preocupemos com os afazeres diários, nas tarefas profissionais ou domésticas, faz-se imperioso não esquecer que há assuntos mais importantes, relacionados com nossa edificação.

O sagrado deve sobrepor-se ao profano.

Os interesses do homem perecível não podem prevalecer sobre as necessidades do Espírito eterno.

Seria falta de amor por nós mesmos.

Se um expositor espírita for abordar relevante tema doutrinário em determinada noite, será lamentável que a dona de casa deixe de comparecer, porque pretende adiantar o almoço do dia seguinte...

O segundo aspecto, nem sempre observado, diz respeito ao comportamento de Marta.

Decididamente, ela quis impor sua vontade à irmã.

Isso também é desamor.

* * * *

Ficamos satisfeitos quando os familiares procedem como desejamos, sem considerarmos que nem sempre é o que eles desejam, nem sempre é o melhor para eles, nem sempre é o ideal para um relacionamento afetivo, equilibrado e feliz.

Como vamos conquistar sua amizade e respeito, se não aprendemos a respeitar seus anseios e o inalienável direito de decidirem suas vidas?

* * * *

Evidentemente é preciso considerar um caso especial: a criança.

Incapaz de fazer as próprias opções, em face de sua imaturidade, ela geralmente precisa ser conduzida.

Não convém deixar o filho decidir se vai à escola ou se deve banhar-se.

Determinadas disciplinas são indiscutíveis e inegociáveis.

Mas as crianças crescem, e o grande problema dos pais é definir quando é chegado o momento de afrouxar as amarras, deixando os filhos tomar suas iniciativas e definir seus destinos.

Talvez o caminho que venham a escolher não seja o melhor, segundo nossa concepção, mas é o *seu caminho*. Não deve ser o nosso.

Como definir isso, se analisamos o assunto pela ótica de nossos desejos, ignorando as necessidades e anseios que moram neles?

* * * *

Isso tudo parece muito complicado.

Talvez seja.

Mas ficará simples, se exercitarmos amor de verdade.

O amor que *pensa no outro*.

O BRASIL MISSIONÁRIO

As últimas décadas não foram nada promissoras para o Brasil.

Os precários recursos de saúde, o ensino público aviltado, a inflação galopante, a corrupção institucionalizada, a violência urbana, a escalada dos vícios, a dissolução dos costumes, a miséria e o infortúnio, o analfabetismo e a subnutrição em que vegeta considerável parcela da população tudo isso compõe um quadro sombrio e preocupante.

Recordamos as revelações do Espírito Humberto de Campos, em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, que nos fala de gloriosa missão a ser desempenhada por nosso país em favor de uma civilização cristã.

Não obstante, ante a atual conjuntura, ficamos imaginando se não há algo de *fantasioso* nas afirmativas do querido escritor desencarnado, sob inspiração de arraigado nacionalismo.

* * * *

Em favor da autenticidade dessa obra, publicada pela Federação Espírita Brasileira, em 1938, temos a autoridade do Espírito Emmanuel, que a prefaciou, explicando que “se destina a exaltar a missão da terra brasileira no mundo moderno”.

Por outro lado, há a credibilidade do médium que a psicografou, nosso querido Francisco Cândido Xavier, que em sua vasta bibliografia revela-se um modelo de sobriedade, disciplina e humildade, muito bem assistido portanto, intenso a deslizes mediúnicos que justifiquem uma revelação equivocada ou apócrifa.

Assim como ocorre com “A Caminho da Luz”, de Emmanuel, psicografia do mesmo médium, que descreve a evolução de nosso Planeta e de suas coletividades, desde os primórdios, o livro de Humberto de Campos demonstra que há ascendentes espirituais nos eventos humanos.

O Homem é muito mais protagonista do que autor da História, percorrendo caminhos de evolução individual e coletiva, consoante os desígnios de Deus.

* * * *

Além do Brasil, outros países, ao longo dos séculos, foram bafejados pelas esperanças da Espiritualidade.

Roma, Israel, Grécia, França, Inglaterra, Estados Unidos, dentre outros, assumiram, em tempo oportuno, gloriosas missões em favor das coletividades terrestres.

Infelizmente, nenhum deles correspondeu às expectativas.

É que toda missão situa-se, essencialmente, como uma promessa. A concretização depende do missionário. Se este se transvia, a missão fica comprometida, total ou parcialmente.

* * * *

Em tempos recuados, o povo judeu foi preparado para sedimentar na Terra a ideia do Deus único, superando as concepções politeístas. Era o ponto de partida para a revelação da Justiça, consubstanciada nos mandamentos da Lei, recebidos por Moisés, no Monte Sinai. As noções de respeito a Deus e ao semelhante tinham por objetivo fundamental favorecer o entendimento entre indivíduos e coletividades.

Entretanto, deixando-se dominar pelo espírito de belicosidade e pelo orgulho de raça, os judeus cristaliza-ram-se em torno da ideia de povo escolhido, confundindo a responsabilidade de servir aos interesses de Deus com o interesse de serem servidos por Ele.

Assim, isolaram-se das nações que não podiam dominar e assassinaram os profetas que procuravam alertá-los de seus enganos.

O próprio Cristo, anunciado nas Escrituras e aguardado durante séculos, acabou sendo sacrificado, porque pregava a paz e a

concordia a um povo que esperava um mensageiro de espada na mão, capaz de elevar Israel ao domínio de todas as nações.

* * * *

Destaquem-se, na atualidade, os Estados Unidos, país que sob os ideais de liberdade e fraternidade contidos em sua proclamação de independência, empenhou-se intensamente na realização do *sonho americano*, a edificação de uma sociedade aberta, livre de preconceitos culturais, sociais e religiosos, na qual fosse alcançado um grau de riqueza material tão alto que a vida deixasse de ser motivada economicamente.

Em tal situação, quase utópica, o clássico problema da distribuição de riquezas desapareceria, porquanto todo cidadão desfrutaria de bens capazes de satisfazer suas necessidades.

Isso tornaria possível a existência de uma verdadeira democracia, uma sociedade na qual todos os grupos participassem das responsabilidades pelas decisões tomadas. Tais grupos representariam não mais interesses econômicos, já superados, mas interesses culturais e sociais.

Pela primeira vez na História teríamos uma sociedade capaz de permitir a vida realmente humana, isto é, dedicada à solução de problemas não materiais, mas relativos ao Espírito.

Em vários pontos o sonho concretizou-se. A riqueza americana não tem paralelo na História. A democracia funciona, embora com falhas, e a vida cultural e social tem intensidade e extensão notáveis.

Lamentavelmente, entretanto, revivendo antigas contradições que caracterizam o comportamento humano, na medida em que a grande nação enriqueceu seu povo esqueceu os ideais, transformando o dinheiro, que deve ser apenas parte da vida, em finalidade dela.

Refletem esse desvio, desde o comportamento do cidadão comum, para o qual "time is money", até a ação de corporações multinacionais, capazes de influenciar as próprias decisões do governo, em benefício de seus interesses.

A sociedade perfeita, transformada em mera sociedade de consumo, vive agora o pesadelo da desagregação de seus valores mais nobres, a manifestar-se no anacrônico preconceito racial contra minorias nunca assimiladas e nas loucuras de uma mocidade sem incentivo

concreto, cuja característica principal é a falta de valores morais a orientarem sua conduta, levando os moços a buscarem nas aventuras do sexo e nas fantasias geradas por tóxicos e alucinógenos o céu cada vez mais distante de suas mentes inquietas.

Acresçam-se as tendências à violência de um povo habituado a matar seus governantes, violência que, segundo estatísticas oficiais, acentua-se tanto que todo americano nascido na década de noventa será vítima de um crime sério, assassinato, roubo ou agressão, desde que viva quarenta anos.

Diz uma autoridade norte-americana:

“Nossa sociedade é construída sobre o sucesso e não em alicerces de família ou classes. Quem não tem sucesso é um frustrado, e a frustração é a ama-de-leite da violência. A violência é o reflexo de nosso exagero na competição e não na cooperação como meio de vida, algo semelhante a dois cães que lutam por um pedaço de osso em vez de o dividirem”.

* * * *

No estágio de evolução em que se encontra, dominado por impulsos egoísticos, o Homem não consegue vencer o desafio da prosperidade, enveredando por tortuosos caminhos, sempre que dela desfruta.

Talvez seja por isso que a Espiritualidade concentrou em nosso país Espíritos menos preparados para as conquistas materiais, porém mais sensíveis aos valores da fraternidade.

Proverbialmente, o brasileiro é menos preconceituoso, mais comunicativo, mais sensível às dores alheias, porquanto ainda não se contaminou com o *vírus* do individualismo, que caracteriza os povos ricos.

Por isso, embora nossas limitações, é no Brasil que a Espiritualidade vê a possibilidade maior de revitalização dos ideais cristãos, sobre os quais deverá ser edificada a civilização do Terceiro Milênio.

Os problemas atuais decorrem de nossa imaturidade política e social, mas representam, também, um agitar da consciência nacional, enfatizando os valores da fraternidade e da solidariedade, que encontram acesso mais fácil nos corações sofredores.

É como se estivéssemos sendo preparados pela adversidade para as realizações do porvir, inspirando prioridades edificantes às iniciativas nacionais, acima de meros interesses imediatistas.

* * * *

Nesse propósito, o grande desafio a que somos convocados é o da moralidade, superando velhas tendências à corrupção, à desonestidade, que caracterizam o comportamento do brasileiro, neste particular em nada melhor que outros povos.

Essa moralização, indispensável à superação de nossos problemas, não será alcançada à custa de leis humanas, já que a imoralidade exprime-se justamente na capacidade de burlá-las, em práticas que a sabedoria popular define como o *jeitinho brasileiro*.

Devemos buscá-la a partir da consciência individual, da compreensão de que é preciso respeitar o próximo, não fazendo contra ele nada de que não gostaríamos fizesse contra nós, o que está implícito na regra áurea de Jesus.

É impraticável ao Estado fiscalizar todas as balanças em que são pesadas mercadorias comercializadas, evitando que os compradores sejam lesados por quilos de 900 gramas ou menos. Mas, se cada comerciante compenetrar-se de que não lhe é lícito fazer isso, o problema será resolvido sem necessidade de onerar-se o erário público com a contratação de fiscais.

* * * *

Em todos os setores de atividade em nosso país há muita gente adulterando pesos e medidas na balança de suas ações, no propósito de tirar vantagem.

Daremos um grande passo para a solução de nossos problemas, em favor do Brasil missionário, quando cada brasileiro dispuser-se a uma aferição de sua balança existencial, agindo com honestidade e desprendimento.

* * * *

Alguém diria:

— De que me vale agir assim, se raros o fazem? Estarei em desvantagem!

Se Jesus pensasse da mesma forma, não teríamos o Evangelho em que nos ensina, com a irresistível didática do exemplo, que para eliminar o Mal é de fundamental importância que alguém comece a cultivar o Bem.

A Doutrina Espírita tem muito a nos ajudar nesse particular, oferecendo-nos uma visão clara e objetiva da continuidade da vida no Plano Espiritual, onde nos serão cobrados os deslizes cometidos na Terra, desde alguns gramas sonegados à balança de nossas ações, às falcatruas cometidas contra a coletividade.

Aprendemos com o Espiritismo que agir com honestidade e consciência de responsabilidade é dever elementar, o mínimo que somos chamados a fazer em favor de um futuro feliz, quando a morte nos convocar para a grande transição.

Trabalhando por esse futuro, estaremos ajudando a realizar o Brasil missionário.

UMA NOVA SOCIEDADE

A fome é um dos maiores flagelos humanos. Infelicitas populações imensas, gerando desalento e desespero, violência e crime.

No Brasil, a conhecemos sobejamente.

Está presente em todo o território nacional, mesmo nos grandes centros urbanos como São Paulo, onde considerável parcela da população faz apenas uma refeição diária, com raras variantes, além do arroz com feijão.

São homens e mulheres cuja existência se esvai rapidamente, pele encardida, semeada de rugas que vicejam prematuramente no corpo carente de proteínas.

São crianças com precária resistência orgânica, promessas de vida que frequentemente não se consomem, podadas pela fome. Quando sobrevivem, fazem-se arremedo de gente, adultos apáticos, sem iniciativa, sem chances, limitados mentalmente, porque não receberam os nutrientes adequados.

Há quem justifique:

— Certamente pagam dívidas! São Espíritos comprometidos com o erro e o vício no passado. Hoje recebem os corretivos impostos pela Lei Divina.

Surrado argumento.

Simplista, distanciado da realidade.

Faz lembrar os párias, na Índia, miseráveis irremediáveis, exibindo lamentável conformismo, porque aprenderam que é o seu carma. Submetem-se, supondo que assim fazem por merecer um futuro melhor, como se a indignância fosse passaporte para uma casta superior.

A condição humana, o fato de estarmos encarnados na Terra, experimentando as limitações da máquina física, diz-nos que somos Espíritos atrasados, imperfeitos, comprometidos com o erro, em penoso processo de depuração.

Aqui mourejamos por desígnio divino.

No entanto, não é da vontade de Deus que as pessoas morram de fome, sofram privações, enfrentem dificuldades quase insuperáveis, para exercitar o sagrado direito à vida.

Neste particular, há um problema fundamental, que compromete o equilíbrio da sociedade terrena e impede as pessoas de terem o mínimo necessário à subsistência.

Chama-se *egoísmo*.

Impossível uma sociedade funcionar ajustadamente, se impera a ideia de que cada um deve cuidar de si mesmo, e que se dane o resto.

* * * *

Ninguém é pobre simplesmente porque está resgatando dívidas, porque é mau, porque deve passar privações.

Se assim fosse, deveríamos todos estagiar na pobreza.

A fome existe, porque na selva sombria dos interesses humanos há o domínio dos mais fortes, de maior iniciativa, que agem sob inspiração do egoísmo.

Por isso, há uma distribuição injusta dos bens de consumo, que ficam em poder de poucos, em detrimento dos que não têm o mínimo necessário a uma existência compatível com a dignidade humana.

Não há sociedade que funcione assim.

Imaginemos uma casa, onde todos os moradores pretendam impor seus desejos, desobrigando-se de compromissos, recusando-se à colaboração — cada um por si — e teremos ali muita confusão. Impossível conviver ajustadamente, com equilíbrio e bem-estar, onde as pessoas sempre querem tirar vantagem, cogitando de múltiplos direitos sem cogitar de mínimos deveres.

* * * *

O governo deveria ser mais duro — supõem alguns.

Talvez um regime de força, uma ditadura...

Tivemos um, durante vinte anos, e ficamos pior.

Em tal situação, a máquina administrativa é facilmente comprometida pelo comportamento egoístico, gerando desrespeito aos direitos humanos e, sobretudo, corrupção.

Outrora, exaltava-se a revolução comunista.

Nivelamento por baixo, igualdade imposta, bens da produção divididos igualmente, supressão da miséria...

Também não deu certo onde ela se instalou.

O egoísmo fez dos países comunistas uma simples variação dos regimes autoritários, sustentados pela força, sem liberdades individuais, em que os privilégios se transferiam para os burocratas.

O regime capitalista não faz melhor.

Deu certo nos Estados Unidos, num momento histórico, em que aquela nação representava as esperanças do Mundo.

No entanto, a esperança transformou-se em opressão, com os melhores valores americanos minados pelo egoísmo, gerando a volúpia do lucro.

Para atender aos interesses desses valores, fomentam-se golpes militares em países subdesenvolvidos, interfere-se, indebitamente, na autodeterminação dos povos.

* * * *

A fórmula ideal de solução para os problemas que afligem as coletividades terrestres, está em nos organizarmos segundo os padrões do Cristo, em bases de fraternidade legítima.

Trata-se de superar o egoísmo com o exercício do amor, que consiste, como ensina Jesus, em *fazer ao semelhante o bem que gostaríamos nos fosse feito*.

A iniciativa dessa sociedade ideal não pode ser debitada aos governos. Não pode ser imposta de cima para baixo.

Ninguém se torna fraterno por força de decretos.

Essencialmente, ela é fruto da conscientização.

As pessoas precisam saber que a luta contra o egoísmo não é mera opção. Trata-se, na verdade, do único caminho de redenção para o Homem e de renovação para a Humanidade.

Quando os povos compreenderem e vivenciarem esta realidade, teremos governos justos e sociedades fraternas, erradicando para sempre as misérias humanas.

Um único exemplo ilustra bem o alcance desse processo.

Se cada família de classe média ou abastada assumisse o compromisso de ajudar uma família de periferia, assistindo-a em suas necessidades, oferecendo-lhe, sobretudo, o calor da amizade e o interesse por sua sorte, teríamos uma verdadeira revolução social.

Contribuiríamos, ainda, para a erradicação da criminalidade que, como já comentamos, tem seu nascedouro, não raro, nas mais elementares necessidades de subsistência, como opção de sobrevivência.

* * * *

A omissão, inspirada no comodismo, na indiferença e na má vontade, filhos do egoísmo, perpetua a vergonhosa coexistência entre a miséria e a opulência, entre os que morrem de fome e os que acumulam

recursos tão imensos que passam a ideia de que pretendem viver mil anos.

Todos desejamos um Mundo melhor, onde estejam erradicados a violência e o crime.

Imperioso reconhecer, entretanto, que a melhoria do Mundo começa em nós mesmos, quando nos dispomos ao empenho por cumprir nossos deveres como filhos de Deus.

Dentre eles, bem o sabemos, está o indeclinável dever de servir a causa do Bem, que exercitamos a partir do momento em que nos dispomos a ajudar o semelhante.

DEFININDO O BEM

Folclórico vereador falava, veemente:

— É preciso evitar que se repita aqui o que tem acontecido em outras cidades!

Um de seus pares aparteou:

— Poderia vossa excelência informar o que ocorreu em outros municípios?

E o orador, ainda mais inflamado:

— Sei lá!... Isso não interessa!

Eram apenas vagas conjecturas, que se esfumaram tão logo foi chamado a relatá-las de forma objetiva.

*ii *i* *i*

Algo semelhante ocorre em relação às palavras.

Usamo-las sem atentar bem ao seu significado, correndo o risco de dizer impropriedades.

Sócrates costumava confundir seus adversários, convidando-os a definir as expressões que usavam.

Acusado de corromper a mocidade, desmoralizou Meleto, um de seus acusadores, demonstrando que nem ele mesmo sabia o que era o

Bem. Consequentemente, não tinha condições para arbitrar o que seria bom ou mau para os jovens.

* * * *

Certa feita, um expositor destacava, em vibrante palestra, a necessidade de trabalharmos no campo do Bem.

Alguém perguntou:

— Afinal, o que é o Bem?

Surpreso, o palestrante pigarreou e respondeu re-ticente:

— Ah!... Sim... o Bem... Naturalmente, o Bem é ser bom...

O malvado insistiu:

— Mas o que é ser bom?

— Ser bom... Ora, ser bom é praticar o Bem!

Risível, sem dúvida.

Não obstante, pode acontecer com qualquer pessoa.

Você mesmo, leitor amigo, sem pretender questionar sua sapiência, saberia definir, de pronto, a mesma questão?

Interrompa por instantes a leitura.

Pense um pouco:

O que é o Bem?

* * * *

Confirmamos com o *Aurélio*:

Bem - “Qualidade atribuída a ações e a obras humanas que lhes confere um caráter moral”.

Talvez seja prudente nova consulta.

No mesmo dicionário, a definição da palavra *moral*:

“Conjunto de regras de conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada”.

Então, o Bem, no sentido relativo, seria a vontade do Homem, expressa nas regras que institui, de caráter transitório e circunscrito.

No sentido absoluto seria a vontade de Deus, contida nas regras de caráter imutável e universal.

* * * *

Qual seria a vontade de Deus?

Aqui entra Jesus.

Se o aceitamos como um mensageiro divino, deve-i¹os admitir que sua mensagem exprime os desígnios do Criador.

O Bem, portanto, está inserido na mensagem cristã, que por sua vez pode ser sintetizada em poucas palavras, contidas no capítulo VII, do Evangelho de Mateus:

Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles.

REFLEXÃO DE NATAL

A sofisticação da vida moderna impõe múltiplas necessidades que aprisionam as criaturas numa roda-viva de interesses e preocupações.

Há duas consequências inevitáveis:

A *ausência de paz*, caracterizada por tensões, ansiedades e temores que espoucam em desajustes físicos e psíquicos variados.

O *embotamento das percepções*, particularmente em relação ao tempo que, aparentemente, passa a fluir em ritmo cada vez mais acelerado, sem que o indivíduo perceba que é ele quem está agitado, apressado, impaciente. É o perdulário que joga fora o tesouro das horas gastando-as no cassino das ilusões, no jogo de efêmeras sensações...

Supõe-se, erroneamente, que viver em plenitude é ter múltiplas ocupações, cultivar diversificados interesses, buscar incontáveis prazeres, movimentando-se sempre...

Os que assim procedem verificam, mais cedo ou mais tarde, que apenas perderam tempo.

* * * *

Intrinsecamente, só têm valor os dias usados de forma conveniente, com propósitos de edificações favocendo a aquisição de valores culturais e espirituais inalienáveis, aqueles que *as traças não roem nem os ladrões roubam*.

Uma boa leitura.

O estudo metódico.

A meditação construtiva.

Se o aceitamos como um mensageiro divino, deve-os admitir que sua mensagem exprime os desígnios do Criador.

* * * *

O Bem, portanto, está inserido na mensagem cristã, que por sua vez pode ser sintetizada em poucas palavras, contidas no capítulo VII, do Evangelho de Mateus: *Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles*.

REFLEXÃO DE NATAL

A sofisticação da vida moderna impõe múltiplas necessidades que aprisionam as criaturas numa roda-viva de interesses e preocupações.

Há duas consequências inevitáveis:

A *ausência de paz*, caracterizada por tensões, ansiedades e temores que espoucam em desajustes físicos e psíquicos variados.

O *embotamento das percepções*, particularmente em relação ao tempo que, aparentemente, passa a fluir em ritmo cada vez mais acelerado, sem que o indivíduo perceba que é ele quem está agitado, apressado, impaciente. É o perdulário que joga fora o tesouro das horas, gastando-as no cassino das ilusões, no jogo de efêmeras sensações...

Supõe-se, erroneamente, que viver em plenitude é ter múltiplas ocupações, cultivar diversificados interesses, buscar incontáveis prazeres, movimentando-se sempre...

Os que assim procedem verificam, mais cedo ou mais tarde, que apenas perderam tempo.

* * * *

Intrinsecamente, só têm valor os dias usados de forma conveniente, com propósitos de edificação, favorecendo a aquisição de valores culturais e espirituais inalienáveis, aqueles que *as traças não roem nem os ladrões roubam*.

Uma boa leitura.

O estudo metódico.

A meditação construtiva.

A oração contrita.

A contenção de um vício.

O socorro ao necessitado.

O serviço em favor da comunidade.

Tudo isso é negligenciado pelo homem comum, de sensibilidade atrofiada e raciocínio entorpecido pela indiferença.

No entanto, são iniciativas dessa natureza, tão simples quando eficientes, que favorecem nossa realização como Espíritos eternos.

* * * *

Afim de que nos disponham os a semelhante esforço, há um passo inicial indispensável: *a reflexão*.

Poderíamos defini-la como aquele empenho de *parar e pensar*, tentando entender o que a vida espera de nós.

Não se trata tão-somente de definir uma meta a ser atingida no decurso da existência.

Sobretudo, trata-se de fazer o que é certo, justo, verdadeiro, no momento que passa, nas contingências de cada hora, nas solicitações de cada dia, considerando que as grandes jornadas são feitas de incontáveis passos, que precisam ser bem orientados, a fim de que o viajor não se desvie de seu destino.

* * * *

Dezembro é propício para se iniciar esse esforço, recordando que Jesus veio à Terra para nos ensinar a valorizar as horas.

E, sem perder tempo, iniciou sua gloriosa tarefa com a lição da manjedoura, a demonstrar que todas as iniciativas em favor de nossa renovação pedem o exercício da humildade, para que sejam autênticas e produtivas.

É reconhecendo a própria pequenez que nos libertamos das cadeias do orgulho e do egoísmo, eliminando impulsos inferiores de agressividade e prepotência, cupidez e vaidade, ambição e avareza, dispondo-nos ao esforço do Bem, que se exprime na vontade de servir.

Assim, superaremos o embotamento das percepções, habilitando-nos à tranquilidade interior, conforme prometeram os anjos, no Natal sublime:

Glória a Deus nas Alturas, Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade.